



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB  
Centro de Ciências da Saúde - CCS  
Curso de Psicologia

SILVIA RIBEIRO GUIMARÃES

**NOS CAMINHOS DE LUNA: RELATÓRIO SOBRE A PRÁTICA DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO EM ATENDIMENTO CLÍNICO INFANTIL, SOB O OLHAR DA  
GESTALT-TERAPIA**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2018

SILVIA RIBEIRO GUIMARÃES

**NOS CAMINHOS DE LUNA: RELATÓRIO SOBRE A PRÁTICA DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO EM ATENDIMENTO CLÍNICO INFANTIL, SOB O OLHAR DA  
GESTALT-TERAPIA**

Relatório Final do Componente Curricular  
Estágio Supervisionado II - Ênfase em Saúde,  
como requisito parcial para conclusão do Curso  
de Graduação em Psicologia, Centro de  
Ciências da Saúde, Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Edmar Henrique Dairell  
Davi

SANTO ANTÔNIO DE JESUS  
2018

SILVIA RIBEIRO GUIMARÃES

**NOS CAMINHOS DE LUNA: RELATÓRIO SOBRE A PRÁTICA DO ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO EM ATENDIMENTO CLÍNICO INFANTIL, SOB O OLHAR DA  
GESTAL-TERAPIA**

Relatório Final do Componente Curricular  
Estágio Supervisionado II - Ênfase em Saúde,  
como requisito parcial para conclusão do Curso  
de Graduação em Psicologia, Centro de  
Ciências da Saúde, Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Edmar Henrique Dairell  
Davi

Aprovada em: 21/03/2018

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Edmar Henrique Dairell Davi (UFRB) - Presidente

---

Dra. Cristiane Ajnamei dos Santos Alfaya (UFRB) - Convidada

---

Psicóloga Monique Helem Bonfim- Convidada

*Gestaltar... encontro, entrega, presença, caminho...*

*Aqueles olhos sobressaltados chamaram-me a atenção. Estendi a mão, houve a entrega. Foi o início de uma longa e profunda viagem. E, no fluir dos acontecimentos, houve presença, houve desconforto e houveram ajustamentos. Este foi o primeiro encontro de muitos que virão, na certeza ou incerteza de que a cada novo encontro nós teremos sempre um novo campo a ser descoberto ou simplesmente acolhido...*

*Silvia Ribeiro Guimarães*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, n'Ele encontrei forças para continuar a minha caminhada.

Aos meus pais, por me incentivarem sempre, depositando em mim a mais tenra confiança, ao longo de toda a graduação e certamente ao longo de minha vida.

Ao orientador Professor Edmar Davi por conduzir de forma tranquila e confiante este trabalho. Obrigada pelas sugestões, pela paciência e principalmente pelo incentivo.

Aos pacientes e familiares que compartilharam conosco suas angústias.

À toda equipe do Serviço de Psicologia da UFRB-CCS.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>7</b>  |
| <b>2 ASPECTOS TEÓRICOS DA GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS.....</b> | <b>9</b>  |
| 2.1 Sobre o atendimento infantil na clínica.....                | 11        |
| 2.2 A ludoterapia e o brincar na psicoterapia com crianças..... | 14        |
| <b>3 A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE ADOÇÃO.....</b>                   | <b>18</b> |
| 3.1 Noção de Campo.....   | 20        |
| 3.2 Autossuporte.....   | 21        |
| <b>4 A HISTÓRIA DE LUNA.....</b>                                | <b>24</b> |
| 4.1 Acolhendo a demanda.....                                    | 25        |
| 4.2 Procedimentos utilizados.....                               | 26        |
| 4.3 O Caminhar dos atendimentos.....                            | 27        |
| 4.4 Compreensão teórica do caso.....                            | 38        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                              | <b>48</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>50</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado *Nos caminhos de Luna: relatório sobre a prática do estágio supervisionado em atendimento clínico infantil, sob o olhar da Gestalt-terapia* busca trazer desde sua epígrafe a essência deste caminhar. Foi desenvolvido no Serviço de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFRB), o qual funciona como clínica-escola e oferece atendimento psicológico gratuito em diferentes especialidades para a comunidade de Santo Antônio de Jesus e adjacências.

A abordagem que norteou nosso trabalho centra-se no processo, por ser embasada no método fenomenológico, o qual é direcionado para *o que* do comportamento, seja ele saudável ou não, que é manifestado na relação terapêutica. Assim sendo, percebemos que esta abordagem prima mais pela compreensão do que pela explicação, já que sua metodologia é a observação e a descrição do fenômeno que aparece na experiência (ANTONY, 2010). Nela, temos como foco principal a relação de confiança entre terapeuta e cliente, em que primamos por receber este que chega até nós, conforme ele se apresenta, sem julgamentos prévios, a fim de formar um vínculo.

O *corpus* teórico que fundamenta este estudo pautou-se em Aguiar (2015); Andrade (2015); Antony (2010); Brito e Antony (2010); Fernandes (1997); Guimarães (2010); Joyce e Sills (2016); Lizias (2010), Oaklander (1980); Oliveira (2014); Otuka, Comin e Santos (2012); Philippi (2010); Protásio (1997); Ribeiro (1885); Rodrigues (2013) e Rosa (2014). Estes estudiosos subsidiaram o desenvolvimento deste texto, fornecendo discussões pertinentes à abordagem do referido tema.

O presente relatório de estágio encontra-se estruturado em cinco partes: 1 **Introdução**, 2 **Aspectos teóricos da Gestalt-terapia com crianças**, 3 **A criança em situação de adoção**, 4 **A história de Luna** e 5 **Considerações finais**.

No primeiro capítulo, **Aspectos teóricos da Gestalt-terapia com crianças**, discutiremos a partir de diferentes estudiosos como esta abordagem tem alcançado um trabalho eficaz na psicoterapia infantil e as principais influências que sofreu desde sua gênese. Além de dividi-lo em dois subitens. No primeiro, falaremos como se dá o atendimento na clínica e, no segundo, abordaremos a importância da ludoterapia nestes atendimentos, pois, concordamos com a ideia

de Oaklander (1980) que traz o brincar como a forma lúdica de autoterapia da criança, sendo o meio que ela elabora confusões, ansiedades e conflitos, sendo utilizado no atendimento psicoterápico infantil como principal via de acesso ao seu mundo.

No segundo capítulo, **A criança em situação de adoção**, discutiremos como este fenômeno era visto desde a Era Medieval e é discutido nos dias atuais. Além disso, nos dedicaremos a falar sobre a noção de campo e sobre o autossuporte, por julgarmos estes fatores de suma importância quando acolhemos crianças que não convivem com sua família de origem, como é o caso de Luna.

Em **A história de Luna**, discorreremos sobre o acolhimento da demanda, quais foram os procedimentos utilizados, como os atendimentos caminharam e finalizaremos com um diálogo entre aquilo que foi vivenciado no setting terapêutico com o referencial teórico que nos respaldou. Por fim, último capítulo, **Considerações Finais**, teceremos algumas considerações à guisa de conclusão a respeito desta experiência de estágio.

## 2. ASPECTOS TEÓRICOS DA GESTALT-TERAPIA COM CRIANÇAS

A Gestalt-Terapia tem logrado, de forma gradativa, nítido destaque no cenário da psicologia clínica, mostrando-se um meio eficaz de trabalho psicoterapêutico com crianças. A grande referência, neste trabalho terapêutico, em Gestalt-Terapia é o clássico trabalho de Violet Oaklander- *Descobrimo crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. No entanto, embora possua um ótimo compêndio de recursos lúdicos e técnicas facilitadoras, não nos oferece um contexto que seja abundantemente coerente e seguro para ser aplicado (AGUIAR,2015).

Sobre a gênese e desenvolvimento da psicoterapia infantil, Aguiar (2015) nos conta que o trabalho com crianças teve início no século XX, com o aporte da psicanálise, desenvolvendo-se ao longo dos últimos 50 anos no cerne de outras abordagens do ser humano, essencialmente por meio da abordagem centrada na pessoa e, nos últimos tempos a partir da Gestalt-Terapia.

Quando Freud (1980, apud AGUIAR, 2015) evidencia a significância da infância na construção da personalidade do indivíduo e na determinação de suas doenças psíquicas, ele realça esse período da vida que nunca havia sido observado antes. Com esta contribuição da psicanálise, o mundo começa a olhar este período com mais atenção, uma vez que nele estavam as respostas para certas questões que mobilizavam a sociedade capitalista do momento.

Tivemos também as contribuições de Melanie Klein (1981, apud AGUIAR, 2015) que, ao perceber a possibilidade de interpretação com as crianças e a importância do brincar, desenvolve aquilo que foi a primeira proposta sistematizada do trabalho clínico infantil. Esta psicanalista traz como proposta o uso do brincar como um substituto direto à verbalização, pois, conclui que diferente do adulto, a criança não possuía condições de fazer “associações livres”, no entanto, tinha como linguagem predominante a linguagem do brinquedo. Com esta técnica:

Klein não só inaugura um caminho específico para trabalhar clinicamente com crianças, mas também aponta como traço essencial delas o fato de terem outra linguagem que não a verbal, que predomina durante toda a infância e mantêm-se em segundo plano na vida adulta: a linguagem lúdica (AGUIAR, 2015, p. 21)

Ainda no que diz respeito às contribuições da psicanálise, foi a partir do desenvolvimento da teoria do brincar, umas das grandes contribuições de Winnicott (1975, apud Aguiar, 2015), que expandiu a compreensão da função do brinquedo no desenvolvimento infantil. Para o referido

psiquiatra era essencial que o terapeuta encontrasse a criança no seu brincar, ao invés de observar e interpretar, isto significava uma participação mais ativa e engajada do analista, implicando uma modificação na forma como a relação criança/profissional na análise era estabelecida. Aceitar o infante da forma como ele é, respeitar seu tempo e sua habilidade de solucionar seus problemas, não direcionar suas conversas ou suas ações, estabelecer um sentimento de permissividade e desenvolver uma inabalável relação de confiança entre criança e psicoterapeuta são, conforme Aguiar (2015), os princípios básicos da nova forma de compreender e trabalhar a psicoterapia com criança.

Ao falarmos sobre Gestalt -terapia com crianças, torna-se pertinente falarmos um pouco sobre o conceito de infância. Este conceito sofreu alterações ao longo do tempo. Aguiar (2015) informa que na família medieval não havia uma preocupação específica com as crianças, as quais, após o desmame, eram inseridas em todas as tarefas realizadas pelos adultos.

Com as modificações político-econômicas da sociedade, a partir do século XVIII, centrada no capitalismo, o infante passa a ser percebido como o trabalhador do futuro, sendo uma riqueza econômica em potencial, tornando-se alvo de cuidado e atenção. A partir daí o mundo adulto e o mundo infantil começam a ser separados, fato que favorece o início do “sentimento de família”, centrando-se em torno da criança, agora, vista como fraca e carente de cuidados.

No tocante a este “sentimento de família”, salientamos que este conceito não deve ser analisado de forma descontextualizada, visto que existem concepções de famílias que estão vinculadas com uma série de fatos: econômicos, políticos e religiosos. Sendo assim, família é uma realidade que tem uma existência dependente da sociedade na qual ela está inserida (LÉVI-STARUSS, 1966 apud GUIMARÃES, 2010).

Na perspectiva da Gestalt-terapia, a família é percebida como uma totalidade imersa em outras totalidades, formada por distintos elementos. Os membros que compõem esta família, os quais estão em interação permanente, afetam uns aos outros na busca da melhor forma possível de autorregulação, ou seja, os integrantes de uma família se influenciam de forma mútua, reagindo e respondendo às expectativas e necessidades do outro para obter um equilíbrio.

Ao considerarmos a família como uma totalidade autorreguladora, o nosso trabalho com criança irá interferir no equilíbrio desta e no de seus familiares, assim sendo, é essencial considerarmos

todo o contexto familiar uma vez que o comportamento de cada um deles depende do comportamento de todos os outros. O trabalho com crianças, em Gestalt-terapia, conforme os pressupostos fenomenológicos básicos, os quais nos orientam a trabalhar com o fenômeno, com aquilo que se manifesta no presente para o psicoterapeuta, inicia-se prioritariamente pelo acolhimento e pela escuta da demanda psicoterapêutica trazida pelos responsáveis, com a perspectiva de averiguar “quem está precisando do quê” (AGUIAR, 2015).

## **2.1 SOBRE O ATENDIMENTO INFANTIL NA CLÍNICA**

Há, entre os gestaltistas, um consenso de que existem poucos materiais teóricos no que se refere ao atendimento de crianças. Lizias (2010) reitera que nesta abordagem, com este público específico, há uma ênfase mais no fazer. Para a referida autora:

A relação entre teoria e prática na psicoterapia infantil de base gestáltica enfrenta vários problemas. De um lado está a pouca produção teórica e, de outro, a dificuldade de reconhecer a epistemologia que sustenta sua prática. O resultado é a dificuldade de compreender o objetivo da Gestalt-terapia consoante aos fundamentos teóricos e filosóficos que alicerçam aqueles fenômenos que ocorrem no setting terapêutico com crianças (LIZIAS, 2010, p. 49).

Ao falarmos de criança, existem inúmeros modos de ser e existir da condição infantil, não cabendo falar de criança no singular. Frente a isso, é problemático, no tocante a estes seres singulares, buscar percebê-los como teorias do desenvolvimento que necessitam de atualização para que consigam dar conta do sujeito-criança que surge, cada vez mais, com novos formatos. Assim sendo, torna-se complicado estabelecer um tipo de conhecimento sobre o funcionamento infantil, considerando apenas as características de faixa etária (LIZIAS, 2010).

A questão acima tem relação com uma teoria de desenvolvimento, a qual é difícil de ser compreendida em nossa abordagem e ainda mais difícil considerá-la “sem cair na dicotomia evolucionista de começo-chegada, início-fim, origem-término de forma progressista” (LIZIAS, 2010, p. 52). Conforme esta autora, entendemos que a Gestalt-terapia se preocupa em perceber a criança no campo do aqui e agora, sem aprisioná-la em uma faixa etária que se baseia em características de desenvolvimento fixas.

Aguiar (2010) ressalta que esta questão do desenvolvimento humano em Gestalt-terapia tem sido discutida como uma pedra angular desta abordagem. Segundo esta autora, há estudiosos

que defendem uma teoria do desenvolvimento, alegando que esta fortaleceria os pressupostos da Gestalt. Por outro lado, há quem ache desnecessário tal teoria para a abordagem em questão. Concordamos em parte com a ideia de que a Gestalt-terapia não necessita de uma teoria do desenvolvimento, já que seus pressupostos não englobam uma teoria que tem por base estágios sucessivos de caráter universal, pois, buscar uma teoria do desenvolvimento para a Gestalt-terapia estaria mais associada a uma convicção de que “qualquer abordagem consistente de ser humano deve ter uma teoria do desenvolvimento” (MORSS, 2002; apud AGUIAR, 2010, p. 15).

Ressaltamos que no tocante às teorias do desenvolvimento que existem, principalmente pelo fato de a Gestalt-terapia possuir uma visão holística, percebendo o ser humano em seu contexto, é provável, em alguns momentos, utilizar estas teorias como referenciais daquilo que é comumente esperado nos limites de certa idade em determinada cultura, de uma forma que o ser humano não seja reduzido a esses elementos específicos. Ademais, nesta perspectiva, a criança é percebida como um ser em construção, nos levando a compreender o desenvolvimento como um caminho elaborado com momentos únicos e sucessivos que se completam no aqui e agora (AGUIAR, 2010).

Outra referência que buscamos para construir este capítulo foi Oliveira (2014), a qual nos esclarece que no atendimento infantil o psicoterapeuta não se relaciona apenas com o cliente, mas com a família, com a escola, além de outros ambientes de convivência da criança, caso seja necessário. Assim sendo, este processo tem as seguintes etapas: entrevista inicial com os responsáveis, entrevista inicial com a criança, além da entrevista de devolutiva com os pais. No tocante à entrevista inicial com os pais, o primeiro instrumento teórico a ser utilizado é o acolhimento, o qual fundamenta-se na dialógica, uma técnica básica no atendimento em Gestalt-terapia, que exige do terapeuta presença e escuta atenciosa, pois, a primeira entrevista traz angústias, por estar diante de alguém que não conhece e com a qual tentar compartilhar suas dores existenciais, além de estar permeada por determinadas questões referentes às crenças, valores, preconceitos e práticas rígidas. Além disso, busca-se formar um vínculo, coletar dados e delimitar a demanda (OLIVEIRA, 2014).

Com relação à entrevista inicial com a criança, Oliveira (2014) enfatiza que o objetivo principal deste encontro é o estabelecimento de um vínculo, já que é por meio deste que a criança se sente

segura para mostrar como se relaciona com o mundo, com o outro e com ela mesma. Informa que:

Não realizo a entrevista inicial com a criança de forma “estruturada”, pois, jamais se sabe a “figura” que irá emergir, e a criança precisa ser acolhida na forma em que se apresenta, seja ela calada, desafiadora, colaboradora ou agressiva. Estar preparada para que situações diferenciadas aconteçam, ou ao menos não ter expectativas por demais fantasiosas quanto ao primeiro contato com a criança contribui para o autossuporte e, conseqüentemente, para a segurança do psicoterapeuta, que não será pego totalmente desprevenido diante de uma situação inusitada (OLIVEIRA, 1994, p. 111).

No que concerne à frequência das sessões com os pais ou o grupo familiar, em Gestalt-terapia, não existe uma regra geral a ser respeitada, no entanto, há uma regra básica que é fluir com a criança, atentar-se às suas necessidades e aos fenômenos emocionais que se revelam no decorrer do processo vivido, de maneira que os atendimentos aos pais sejam requeridos em conformidade com o comportamento vigente da criança. Além disso, não é necessário focar no sintoma, porque, ao percebermos a criança como um todo, tudo aquilo que esta trouxer no espaço terapêutico, mesmo que não tenha relação com as queixas formuladas por seus familiares, mesmo assim, tem relação com o sintoma, se considerarmos uma perspectiva figura-fundo (ANTONY, 2010).

Nas sessões com as crianças, não é precípua observar se ela vai falar, se manifestar através de sinais ou de murmúrio, silenciar, simplesmente brincar ou ignorar o terapeuta, posto que qualquer forma de expressão denota a totalidade desta no momento. A partir de uma visão holística de homem, presente na Gestalt-terapia, é possível perceber que aquilo que a criança opta por trazer ao espaço terapêutico na situação com o psicoterapeuta é sempre relevante, ainda que pareça não ter ligação com o sintoma. Ademais, quando a ela traz algo, este é o que deve ser trabalhado inicialmente (AGUIAR, 2015).

É válido ressaltar que: “Trabalhamos com o que a criança traz no momento e não com o sintoma, pois o que ela traz faz parte de uma configuração total e encontra-se inevitavelmente articulado com o sintoma pela rede interdependente que compõe sua totalidade” (AGUIAR, 2015, p. 38).

As queixas trazidas à psicoterapia pela escola ou pela família são consideradas um indicativo de que a criança como um todo em sua relação com o mundo não está em sua forma de maior satisfação, ou seja, seu processo de contato está perturbado e interrompido. Frente a isso, não

percebemos o sintoma como um problema em si que precisa ser solucionado, mas como uma forma criativa atingida pela criança, com as ferramentas que dispõe, de marcar suas dificuldades de interação com o meio do qual faz parte naquele instante (AGUIAR, 2015).

De maneira que a criança possa vivenciar a materialização do seu mundo subjetivo e dar-lhe sentido, baseando-se no que veem, sentem, pensam e fazem, torna-se necessário que o trabalho do psicólogo com crianças seja conduzido para a vivência de experiências. Acima de tudo, o itinerário terapêutico intenciona a incentivar a “criança rumo à independência, à individuação, à autorregulação espontânea do seu organismo, à realização de seu potencial humano, a fim de honrar tudo aquilo que é e pode vir a ser” (ANTONY, 2010, p. 106).

O trabalho da Gestalt- terapia com crianças não se limita ao *setting* terapêutico. Vai além das sessões com a criança na sala de atendimento, engloba visitas às escolas, entrevistas com profissionais de áreas afins e a realização de entrevista com familiares. Dessa forma, pode-se ter uma ideia mais exata da intensidade do comportamento da criança no momento em que interage com todos os subsistemas com os quais ela convive (FERNANDES, 2010).

## **2.2 A LUDOTERAPIA E O BRINCAR NA PSICOTERAPIA COM CRIANÇAS**

É comum relacionarmos a psicoterapia com crianças ao brincar, algo que nos remete ao lúdico, por isso, este tópico traz algumas considerações relevantes sobre o referido termo, sendo válido ressaltar que não temos por intenção aprofundar o conceito, mas apenas situar o leitor. Frente a isso, cabe-nos informar que:

O termo “ludoterapia” surgiu no cenário das psicoterapias com a publicação do livro de Virgínia Axiline intitulado *Play Terap*. Depois disso, disseminou-se o uso dessa expressão para designar todo e qualquer trabalho com crianças em função do uso de brinquedos como recurso facilitador da expressão infantil no espaço terapêutico” (AGUIAR, 2015, p. 16).

Por intermédio da ludoterapia, o lúdico é usado como principal via de acesso ao mundo interno da criança, pois, a forma mais verdadeira da expressão da criança é o brincar (OLIVEIRA, 2014). Esta autora complementa que o terapeuta pode se frustrar caso espere que a criança fale abertamente sobre suas dificuldades, já que isto pode colocar o vínculo em risco, além de ser uma incumbência exagerada para a criança. Neste aspecto nós percebemos que o lúdico como recurso pode diminuir esta frustração do terapeuta.

Em uma perspectiva diferente, mas ainda sobre a mesma temática, Feijoo (1997) informa que a ludoterapia denomina-se por um processo de escuta e fala, enquanto articulação do sentido, que existe no brincar. Esclarece que no adulto, a fala por si só, muitas vezes é suficiente, o que difere na criança, que na maioria das vezes faz-se necessário o recurso do brinquedo para que o processo psicoterapêutico possa fluir. A criança revela no lúdico seus sentimentos, vivências e significados.

Vale salientar que a ludoterapia é uma prática da psicologia, logo, irá se articular a partir de um método e de uma teoria. Além de valer-se destes instrumentos, o fazer do psicólogo se dará a partir de alguns recursos metodológicos, tais como: atitudes, intervenções, livros, jogos, fábulas, dinâmicas etc. Com relação às atividades, a ética deve se destacar. O terapeuta deve estabelecer uma relação com a criança pautada na autenticidade, não cabendo a ele avaliar uma atitude feia nem bonita, nem certa ou errada, ou seja, ele deve se privar ao máximo de uma atitude de julgamento, ou direcionar o caminho que a criança deve seguir. A avaliação deste profissional deve ser isenta de valores (FEIJOO, 1997).

Quando o psicólogo é curioso, ele não estará atento ao outro, mas a si mesmo. Frente a isso, não é aconselhável insistir nos porquês, tão comum nos novatos. Neste sentido, entende-se que o psicólogo, ao invés de ficar questionando a criança, deve embarcar junto com ela, deixando-a livre e, a partir da ação do brincar expressar sua hostilidade e externar seus sentimentos. As intervenções do terapeuta deverão mobilizar os sentimentos de forma que estes apareçam através do brincar, da ação e conseqüentemente pela linguagem. O psicólogo atua como facilitador, que junto com a criança fomenta condições de crescimento em um ambiente que lhe permita no brincar a expressão dos seus significados (FEIJOO, 1997).

Alguns psicoterapeutas têm como dificuldade no atendimento infantil a linguagem lúdica da criança, esta linguagem é importante, visto que a forma natural da expressão da criança é o brincar, assim como a linguagem verbal é dos adultos. Portanto, precisamos nos comunicar com as crianças a partir da linguagem lúdica, da mesma forma que nos comunicamos verbalmente com os adultos. Um dos objetivos mais importantes na psicoterapia infantil é alcançar a criança em seu mundo, frente a isso, Oliveira (2014), revela que não tem como meta a verbalização da criança em relação as suas vivências, mas encontrá-la em sua brincadeira.

Por ser um processo divertido, o brincar facilita a afinidade necessária entre terapeuta e criança. Por não conseguir expressar verbalmente muitas de suas experiências, a criança usa este processo para elaborar e absorver aquilo que vivencia, sendo o brincar um simbolismo que substitui as palavras (OAKLANDER, 1980).

O brincar pode ser um bom instrumento de diagnóstico. A autora supracitada revela que na maioria das vezes em que é solicitada a “avaliar” uma criança, permite que ela brinque por algum tempo. Afirma ainda que consegue observar muitos fatos sobre a maturidade, inteligência, imaginação e criatividade, organização cognitiva, orientação de realidade etc. Ademais, ressalta que evita fazer julgamentos rápidos.

Ainda que consideremos o brincar como um instrumento diagnóstico, gostaríamos de salientar que a prioridade da Gestalt-terapia não é diagnosticar, uma vez que o diagnóstico traz rótulos e acaba transmitindo a ideia de algo fixo, despersonaliza e objetifica o indivíduo e, por muitas vezes é usado para negar a singularidade do cliente, sabotando sua *awareness*. Além disso, os sistemas diagnósticos quase sempre são falhos e reducionistas. Contudo, ressaltamos que a Gestalt-terapia não nega a importância de uma avaliação.

Acreditamos que um diagnóstico formal nos permite a comunicação com outros profissionais, o que é fundamental quando fazemos recomendações para outros terapeutas e profissionais de outras áreas, pois, dá uma maior credibilidade ao campo terapêutico. O diagnóstico na Gestalt-terapia deve focar no processo, o qual precisa ser descritivo, fenomenológico e flexível, ao invés de apenas definir e nomear, a fim de facilitar uma aliança de trabalho (JOYCE e SILLS, 2016). Além disso, estas autoras esclarecem que as zonas de *awareness*, as modificações ao contato, o grau de apoio, o estilo de contato ou relacionamento com o terapeuta, dentre outros, já se caracterizam por sistemas de avaliação. Cabe ao terapeuta criar uma forma de avaliar que seja mais condizente com seu estilo.

Para Antony (2010), o processo psicodiagnóstico é um meio capaz de apreender a totalidade expressiva da criança, a qual é constituída pela unidade criança-outro-mundo, as quais se articulam e influenciam ininterruptamente, atribuindo significado ao distúrbio emocional apresentado. Neste ato, cabe ao terapeuta não se deter a identificação dos sintomas, objetivando encontrar a essência da patologia e das vivências subjetivas da criança em sofrimento

emocional. Neste processo de diagnosticar o psicoterapeuta não deve ficar preso aos sintomas, mas buscar o sentido da patologia e das vivências relacionais subjetivas da criança que sofre.

### 3. A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE ADOÇÃO

Dedicamos um capítulo especial para falarmos sobre adoção uma vez que essa temática traceja algumas especificidades do caso que é discutido neste relatório. Trata-se de um tema amplo, não sendo possível generalizações ou regras a serem cumpridas, frente a isso, recorreremos a estudiosos que trazem aspectos relevantes sobre a temática e que convergem com o caso em questão.

Nem sempre a adoção foi da forma que a conhecemos atualmente. Na sociedade romana, ela era importante para validar o direito político dos sucessores dos seus líderes. Neste período, discutia-se a adoção para adultos, não para crianças (WEBER, 2003; VARGAS, 1998 apud GUIMARÃES, 2010).

No período Medieval, a família não era vista como um elemento imprescindível na vida da criança, sendo assim, a separação dos genitores não era vista como um problema na vida do infante. Os filhos passam a ocupar uma posição de destaque e a mãe torna-se a principal socializadora deles, a partir do século XVIII, quando a criança se torna um ser que precisa de atenção especial. No Brasil, é no início do século XX, quando surge o estado moderno, que a legislação sobre adoção de crianças começa a se estruturar. Neste mesmo período, surgem as concepções da nova ciência psicológica, a qual apresenta a infância como fase decisiva para o desenvolvimento da personalidade. (FONSECA, 2002; ARIÈS, 1982; 1981; AMORIM, 2002; apud GUIMARÃES, 2010).

Otuka, Comin e Santos (2012), à luz de Winnicott (1954/1997) caracterizam a adoção como uma experiência auspiciosa, que com frequência é associada à uma prática que propende a ter êxito, na proporção em que a família possa se sustentar enquanto suficientemente boa para a criança ou adolescente adotado. Cabe à nova família o desafio de oferecer um ambiente seguro e estável onde a criança cresça, identifique-se, tome contato com a sua história e, por fim, crie sua própria experiência.

Os autores supracitados discorrem sobre a adoção a partir do referencial winnicottiano. No que tange a esta concepção teórica, a singularidade das experiências emocionais é valorizada e a compreensão da intersubjetividade é colocada em foco, pois, entende-se que o ser humano se constitui a partir de suas relações com o outro e o ambiente.

O plano de adoção deve ser desenvolvido, preparado e maturado pelo casal que irá adotar, bem como pelo seu entorno familiar, além de incluir a família de origem da criança. Não é apenas a parentela adotiva que está em jogo, mas toda uma reorganização familiar que se dá em função da adoção (OTUKA, COMIN e SANTOS, 2012).

Os referidos autores propõem uma adoção suficientemente boa, a qual não pode ser conhecida unicamente como um evento bem-sucedido de agregação da criança em um lar substituto. Trata-se de um extenso processo no qual os familiares, os pais e a própria criança se evidenciam, identificam-se e se enriquecem de forma mútua, desta forma, transformam-se na proporção em que assumem/ negociam posições que contribuem para a construção de um ambiente saudável, no qual papéis, escolhas, finalidades, valores e necessidades sejam congruentes. A família que consegue conduzir a adoção como um processo criativo e transformador, não formal, pode propiciar a fundação de um projeto que de fato irá contribuir para o crescimento de todos os membros, sendo refúgio que se opõe à angústia ou fantasias, oferecendo um espaço às possibilidades de encontro, aprendizado compartilhado e construção e vínculos afetivos resistentes e longevos (OTUKA, COMIN e SANTOS, 2012).

É pertinente que a família adotante esteja consciente que passará por um encadeamento de amor e ódio durante os primeiros anos da adoção. Percebe-se que, na maioria das vezes, há uma agressividade que não tem relação com o fato ocorrido, tornando-se gratuita. Isso ocorre porque a criança quer, a partir desta conduta irrefletida, lançar toda a raiva que sente pela mãe biológica que a abandonou. Tais comportamentos agressivos surgem devido ao medo de ser abandonada novamente, dessa vez, por esses novos pais. Essas crianças demonstram que aquilo que mais necessitam é amor e compreensão, pois, só dessa forma serão capazes de superar a dor da separação prematura, da rejeição primária, da perda das figuras parentais e, sobretudo, da perda da experiência capaz de construir um futuro sadio (BRITO E ANTONY, 2010).

No que diz respeito à criança abrigada, sabe-se que esta vive num contínuo estado de estresse que foge à sua compreensão cognitiva. Ainda que se ajuste criativamente, apresenta pouca *awareness* de si e dos fatos que ocorrem no aqui e agora, assim sendo, não estabelece relações de significado entre o que sente e suas experiências atuais e passadas (BRITO E ANTONY, 2010).

Brito e Antony (2010) reforçam o quanto é essencial focar na relação, a qual sempre considera o campo fenomenológico das experiências, criando o conceito de contato como orientador da sua compreensão humana e da sua prática clínica. Para essas autoras:

São as experiências positivas de cuidado, proteção e contato físico na relação com a mãe nos primeiros anos de vida que criam o sentimento de segurança na criança, enquanto as experiências dolorosas de abandono, negligência e rejeição resultam em insegurança, falta de confiança, sentimentos de hostilidade e baixa autoestima. Para a criança, é indispensável a presença amorosa e cuidadora (BRITO E ANTONY, 2010, p. 156).

Destarte, as primeiras experiências de afeto da criança com a mãe são de suma relevância para o modo como a criança vai estar no mundo em relação ao outro. Diante disso, as autoras supracitadas esclarecem que o ato de amamentar não é apenas importante para a nutrição física do bebê, mas também para a nutrição emocional. Algumas crianças que são abrigadas de forma precoce denotam ausência de autodomínio emocional e comporta-se de forma mais agressiva. Em se tratando de crianças adotivas, os comportamentos agressivos:

Acontecem porque a criança não tem uma compreensão dos motivos de ter sido afastada de sua mãe: sente-se rejeitada e assim sempre espera uma nova rejeição. O fato real do abandono suscita na criança a crença de não ter sido capaz de despertar o amor de seus pais biológicos, sentimento que interfere na relação com os pais adotivos e que produz uma interrogação que se transforma no medo de uma segunda rejeição parental (BRITO E ANTONY, 2010, p. 161)

Como já foi dito anteriormente, a adoção é um tema amplo e complexo, que está relacionado com as diferentes visões de família. Não sendo um costume recente em nossa sociedade e, ainda que tenha sido considerada como um meio para as crianças que não estão com sua família de origem, existem preconceitos e controvérsias a respeito deste costume (GUIMARÃES, 2010).

### **3.1 CAMPO**

Quando falamos de relação em Gestalt- terapia, falamos de uma constante relação, na qual o meio transforma, constrói e constitui o homem, este, sofre influências do meio, mas também o modifica, frente a esta afirmação de Aguiar (2015), percebemos que falar sobre campo é algo essencial em Gestalt-terapia.

De acordo com Rodrigues (2013), foi Kurt Lewin quem edificou as bases de sua teoria de campo a partir de uma metodologia que objetivava compreender de forma descritiva as situações únicas vividas, tendo como ponto central o contexto no qual a situação emerge, e o foco no presente. Este mesmo autor reitera que:

A teoria de campo de Kurt Lewin se propõe a fundamentar nossa compreensão sobre como o sentido das ações de uma pessoa é algo que se coaduna à relação dela com o meio. Segundo essa teoria, “meio” ou “campo” referem-se a “quando” e “onde” algo pode produzir uma diferença na percepção da pessoa (RODRIGUES, 2013 p. 115 a 116).

A perspectiva teórica de campo que é central para a Gestalt- terapia tem uma proximidade com a noção de figura e fundo. Nessa perspectiva, uma pessoa nunca é totalmente independente ou isolada, pelo contrário, ela está sempre em contato e ligada com todas as outras coisas de forma bem real (AGUIAR, 2015). Somos seres relacionais, pois, nos relacionamos constantemente uns com os outros, desde o nosso nascimento.

Percebemos, então, que o sustentáculo necessário da prática e da teoria Gestalt é a noção de campo, o pilar de uma visão holística dos clientes, no qual Aguiar (2015) considera como potencialmente importantes todos os pontos do corpo, da mente e da emoção, circunstâncias atuais e históricas, influências culturais, sociais, econômicas, espirituais e políticas.

Ao trabalharmos com crianças, à luz da Gestalt- terapia, encontramos-nos perante a totalidade existencial da criança que engloba um dos sistemas humanos mais complexos. O Gestalt-terapeuta não trabalha apenas o indivíduo e seu comportamento, mas o campo organismo/ambiente. Isso quer dizer que atendemos a família, os pais e a escola, propiciando apoio, segundo as dificuldades e necessidades da criança (ANTONY, 2010).

### **3.2 AUTOSSUPORTE**

Ao falarmos sobre criança em situação de adoção, entendemos que é pertinente explanarmos sobre campo e autossuporte, também denominado autoapoio ou autonutrição, pois, neste contexto, todo o ambiente no qual a criança está inserida toma configurações diferentes no momento em que ela adentra em um novo lar.

Entendemos este conceito como a utilização que a pessoa faz dos recursos, tanto externos quanto internos, criados ao longo de sua vida. Sendo o suporte primordial para qualquer contato, e a sua ausência suscita “sentimentos e comportamentos disfuncionais, como ansiedade, vergonha, insegurança, rigidez, timidez, baixa autoestima e dependência do outro” (ANDRADE, 2015, p. 148).

Andrade (2015) informa que, para explicar de forma mais precisa o que vem a ser o autossuporte, é necessário entender como o pai da Gestalt utiliza esse conceito tendo como base o desenvolvimento humano, a fim de explicar que desde o início há uma forte relação entre o organismo e o ambiente, demonstrando que desde o ventre materno a pessoa precisa perceber em que lugar e em que momento deve procurar o suporte para seu desenvolvimento, amadurecimento e para concretização de suas necessidades. A mesma autora reitera que muitas vezes, o que dificulta o caminhar do cliente, rumo ao autoapoio é o princípio desta caminhada.

Ao se desenvolver, a pessoa diminui suas dependências externas e estimula seu potencial. O terapeuta gestáltico irá influenciar a busca por este crescimento, capacitando o cliente a descobrir, sozinho, a compreensão do que é seu. Sabemos que esse caminho em busca do conhecimento não é algo simples. Andar por conta própria e procurar autoapoiar-se de forma original normalmente são situações difíceis. Pois, ainda que a pessoa queira se realizar de um lado, de outro, está insegura por fazer parte de uma sociedade que apresenta exigências que divergem das suas, o que impede seu crescimento espontâneo (ANDRADE, 2015).

Segundo Andrade (2015), por muitas vezes, a capacidade de conseguir esse crescimento natural é perdida ao longo da vida. Com essa perda, o indivíduo abandona quem é de verdade e passa a ser aquilo que os outros esperam que ele seja. Na maioria das vezes, o ambiente exige que a pessoa seja quem não é, para que se torne um modelo ideal ao invés de se autorrealizar.

Percebemos que a interação organismo-ambiente é importante, entretanto, o contato com o outro e com o ambiente ao mesmo tempo em que forma a pessoa, pode também deformá-la por demandar obediência e adequação em detrimento de sua expressão pessoal. Em consequência, a pessoa, na preocupação de ser aceita e obter proteção, acaba por se submeter a tudo em busca da sobrevivência emocional (ANDRADE, 2015).

É pertinente explicar que para sobreviver de forma autêntica e coesa é preciso “regatar a pessoa, identificar quem ela está sendo e como pode interagir com criatividade. O indivíduo saudável desenvolve seu autoapoio de forma contínua e em contato com o ambiente” (ANDRADE, 2015, p. 154). Algo que só é possível a partir do autoconhecimento e da autoaceitação, pois, não há a possibilidade de “ter suporte adequado sem se convencer, sem conhecer sua experiência, assumir seu comportamento, suas necessidades, suas capacidades e incapacidades” (ANDRADE, 2015 p.156).

Ao encontrar um suporte em si mesma, a pessoa pode iniciar os primeiros passos rumo a sua realização pessoal, uma vez que sua autoestima estará aumentada, sentir-se-á realizada. E, com este apoio que o capacite a continuar enfrentando a vida, o cliente, torna-se mais livre para ser ele mesmo em um mundo no qual é difícil de impor (ANDRADE, 2015).

É pertinente esclarecer que, embora o ser humano seja capaz de se autogerir e se autorregular, nenhum organismo realiza este feito sozinho. Esta autorregulação é feita por todos os indivíduos a partir das trocas ambientais que efetuam, com o mundo e também com o outro, sendo um processo interno inerente ao organismo que o dirige na busca da construção do seu bem-estar (RIBEIRO, 1985). Por fim, entendemos que a parte fundamental do autossuporte é tornar a criança capaz de autovalorizar-se, redescobrir suas qualidades tácitas e aceitar-se como se é, com seus possíveis potenciais e suas prováveis dificuldades.

#### 4 A HISTÓRIA DE LUNA

Quando Luna<sup>1</sup> foi adotada, muita história já havia acontecido em sua vida. A adoção não se deu logo após o nascimento, vivendo os meses iniciais de sua existência com sua família de origem. Atualmente, Luna reside em um lar no qual coabitam aproximadamente 10 familiares, destes, 5 são irmãos adotivos e 1 biológica. Sua casa situa-se em um Bairro popular, distante do Centro da Cidade, a renda mínima da família gira em torno de 2 a 3 salários mínimos. D. Ana, sua mãe adotiva, é casada com o Sr. Júlio, pai adotivo e tio materno da menor. Nesta família, o Sr. Júlio trabalha como pedreiro e D. Ana parou de trabalhar a fim de cuidar de Luna e sua irmã Estrela. Outros membros da família também possuem renda própria, como a madrinha de Luna, a qual trabalha na parte administrativa da escola que a criança estuda, sendo que esta escola pertence à familiares.

Antes da adoção, que ainda está em trâmite, a criança residia com D. Esmeralda, sua mãe biológica, sua irmã caçula, Estrela, que também foi adotada pelo casal e seu padrasto. A convivência não era muito amistosa, visto que a mãe era alcóolatra e brigava constantemente com seu companheiro, inclusive, na presença das crianças, Luna e Estrela, que estavam com 2 anos e meio e 1 ano e 7 meses, respectivamente.

D. Ana nos conta que a genitora amamentou Luna até perto dos 3 anos de idade, mesmo sob o efeito de álcool, estava sempre com a filha, amamentando-a, embora, conforme as palavras de D. Ana, fosse negligente quanto aos cuidados de higiene, sendo que a criança constantemente apresentava assaduras.

Atualmente, já com 8 anos de idade, a criança continua com os pais adotivos, embora, sua mãe biológica a visite com frequência. Com estas visitas, familiares tem notado que o comportamento de Luna mudou, ela passou a ficar mais agressiva, passou a levar pertences de outras crianças para casa, o que tem sido motivo de preocupação. Ainda que visite as filhas, D. Esmeralda alega não ter condições de assumir a guarda delas. Hoje, tem outra criança, com quase 1 ano de idade e, há 10 meses não faz mais uso de álcool e tem sido acompanhada pelo CAPS-Centro de Atenção Psicossocial da cidade.

O primeiro contato que tive com a história de Luna foi a partir da triagem realizada no Serviço de Psicologia da UFRB- em 26 de agosto de 2016. Segundo informações do prontuário, Luna é uma criança que em seus poucos anos de existência já passou por uma série de acontecimentos. O primeiro dos acontecimentos tem a ver com o momento gestacional. Quando estava sendo gerada, sua mãe fazia uso de bebida alcoólica, conforme foi relatado por D. Ana. Após o nascimento, morando como sua genitora e padrasto, a criança passou a presenciar momentos de agressão, pois, o casal tinha um convívio conflituoso. O segundo acontecimento na vida de Luna foi quando ela e sua irmã menor foram abrigadas em uma instituição para menores. D. Ana nos contou que após serem encontradas sozinhas no lar, aos prantos, vizinhos presenciaram o casal discutindo na frente da criança. Após o ocorrido, os responsáveis saíram da casa, deixando as irmãs sozinhas. Luna estava na grade da casa aos prantos e sua irmã, Estrela, que tinha poucos meses de vida, a ponto de ser asfixiada pelo mosqueteiro, frente a isso, um vizinho levou as crianças para um abrigo. Diante disto, foram abrigadas na casa das cores por um tempo, até serem acolhidas pelo tio materno, o qual, em acordo com seu cônjuge pleiteia a guarda das irmãs na justiça.

Na escola, a qual pertence à familiares, a criança é bolsista. Em visita à esta instituição, a diretora relatou que Luna só tira notas altas, no entanto, pontuou que a criança apresenta alguns comportamentos disfuncionais, todavia, não conseguiu explicar de uma forma contundente estas disfunções, frisou apenas que a criança é desatenta e “*seu comportamento é diferente das demais*”. Por isso, a criança foi encaminhada ao CAPS- onde a psiquiatra aconselhou um acompanhamento psicoterápico, o que trouxe Luna à ao Serviço de Psicologia da UFRB.

Em agosto de 2016, passou por uma triagem, na qual a mãe adotiva trouxe a queixa principal. Queixava-se de uma criança apática, extremamente passiva e desatenta. Feita a triagem, houve um período de acompanhamento até o momento que Luna pudesse iniciar a psicoterapia, a qual teve início em junho de 2017. Antes, houve a entrevista inicial com a mãe, nesta, percebeu-se que a queixa mudou. A criança que antes era passiva, tornou-se agressiva e desobediente.

#### **4. 1 ACOLHENDO A DEMANDA**

Conforme relatamos anteriormente, o primeiro contato com a história de Luna foi através dos prontuários e, posteriormente, a partir do relato da mãe, no momento da primeira entrevista com

a responsável. Com base nestas fontes, discorreremos, a seguir, os principais elementos trazidos pelos responsáveis para justificar a queixa.

Luna, desde seu nascimento fora cercada por uma série de questões conflitantes, questões estas que os pais adotivos atribuem a alguns dos comportamentos da criança, os quais consideram disfuncionais. Consta no prontuário que família e a escola querem saber como lidar com o comportamento da criança, que para estes, não é condizente com a idade, difere do comportamento dos demais colegas, uma vez que a criança se mostra desatenta (às vezes perguntam algo e ela não responde como esperam; na escola, mistura fatos atuais com fatos do passado, ao discorrer sobre alguma leitura, fugindo da temática abordada); mostra-se agressiva em determinadas ocasiões, além de não expressar sentimentos de afeto e gratidão (em alguns momentos), sobretudo em relação à mãe biológica.

Na queixa inicial, consta que a mãe biológica era alcoólatra e que não tinha condições para criar a criança e sua irmã caçula, o que fez a justiça retirar a guarda da genitora, colocando-as em um abrigo. Para que não houvesse a separação das irmãs, os tios entraram com o pedido de guarda.

De início, mostrava-se quieta, tímida, triste e obediente a qualquer pessoa, não tendo critérios para diferir o certo do errado, conforme descrição da mãe adotiva. Atualmente, já é perceptível no espaço terapêutico que a criança não se encontra tão passiva, tampouco tímida.

## **4.2 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS**

Tivemos um total de 20 sessões, destas, 2 foram dedicadas à entrevista com a mãe, 18 dedicadas ao atendimento com a criança, ocorrendo 4 ausências sem justificativas. De início, o primeiro recurso a ser utilizado foi a entrevista inicial com D. Ana, a fim de saber o que mudou desde a triagem até o momento de espera para o processo psicoterápico.

A primeira sessão com a criança teve como objetivo principal a formação de vínculo, no qual a sessão não era estruturada, foi criado um espaço para que a criança pudesse se sentir acolhida, no qual tivesse a oportunidade de explorar o ambiente e escolher o que gostaria de brincar. Desde o primeiro encontro já demonstrou certa disponibilidade, vinculou-se facilmente. Utilizamos os seguintes recursos lúdicos: fantoches, histórias infantis: Cinderela; Cachinhos

Dourados e os três ursinhos; Menina bonita do Laço de Fita; Desenhos para colorir, papéis e canetas coloridas para desenhar, além de dramatizações.

O que mais lhe chamava atenção eram os fantoches, momento em que ela deixava emergir assuntos familiares (sempre surgia uma bruxa má, um avô que não conheceu, um monstro que queria levá-la embora, alguém que a obrigava a fazer trabalhos domésticos etc.); também usamos quebra-cabeça, onde ela mostrou atenção e bom raciocínio, ao selecionar as peças adequadamente. Relatou que gosta de um desenho animado: Princesa Sofia, sabendo disto, levei imagens para colorir e atividades como labirinto, relacionados ao desenho. No tocante aos labirintos, a criança foi muito ágil na hora de encontrar o início e o fim do caminho que deveria ser percorrido. Depois de aprofundar a entrevista com a responsável, de formar um vínculo com a criança, foi feita uma visita à escola, em que a diretora relatou basicamente o que a mãe já havia dito.

### **4.3 O CAMINHAR DOS ATENDIMENTOS**

Nesta parte do nosso trabalho nós apresentaremos o caminhar atendimentos. Optamos por organizar esta seção de forma cronológica, de acordo com os acontecimentos, agrupando-os de modo que o leitor possa conhecer e mergulhar na história que lhe está sendo apresentada.

#### **Encontros com a criança**

É comum aguardarmos o paciente na sala dos estagiários ou na própria sala de atendimento, quando esta encontra-se disponível. Chegando o paciente, a secretária nos informa e vamos recepcioná-los.

Para o primeiro contato com a Luna, a sessão não foi estruturada, primamos por proporcionar um espaço acolhedor, que nos permitisse conhecer e acolher a criança, a fim de formar um vínculo com a mesma. Este primeiro encontro foi agendado na entrevista inicial com a mãe, para uma quarta-feira, às 14:00 horas, horário que se manteve ao longo de todas as sessões. Cheguei antes do horário para organizar a sala, ao chegar a criança, a secretária avisou-me. Fui até a recepção e observei que Luna estava com outra acompanhante que não era a sua mãe.

Apresentei-me e convidei a criança para me acompanhar. Ao receber o convite, Luna sorriu, segurou na minha mão e fomos até a sala, sem resistências. Fiquei surpresa com tamanha entrega, pois, havia recebido um prontuário que descrevia uma criança apática, tímida, no entanto, desde este primeiro contato mostrou-se totalmente diferente daquilo que foi relatado ao seu respeito.

Ao entrarmos na sala, começou a explorar o ambiente e os objetos. Colocamos o tatame e, enquanto ela explorava tudo com o olhar, movimentando-se no espaço, falei que ficaríamos um tempo juntas, que aquele lugar seria dela, para brincar e falar sobre o que quisesse. Perguntei à Luna se ela sabia o motivo pelo qual ela estava ali, respondeu-me que não. No tatame, colocamos os livros, os brinquedos, começou a explorar tudo o que podia, não se detendo por muito tempo a um brinquedo específico. Posteriormente, entreteve-se com a persiana, depois foi para o controle do ar condicionado, a seguir, quis ficar com meu relógio, o qual ela desenhou em uma folha de ofício, mostrando-se detalhista, escrevendo, inclusive a marca do relógio, no seu desenho, o qual pediu para levar com ela.

No decorrer da sessão, perguntei por D. Ana, Luna respondeu que ficou em casa pois estava “*ruim de gripe*”, por isso, sua irmã adotiva, que também é sua madrinha a levou. Falou-me que também teve gripe, mas tomou remédio e melhorou. Após esta conversa, disse que iria fazer uma carta para a Dinda. No decorrer da atividade foi possível observar que Luna nutre um grande desejo em agradar esta madrinha, ao rasurar algum desenho comentava: “*Será que a Dinda vai gostar? Vou fazer outro!*”. Deixei-a livre, enquanto escrevia o que denominou de carta, pude ver que ela fez um desenho de uma menina que possuía os membros superiores e inferiores bem curtos, com longos cabelos, fez corações e escreveu frases de afeto. Durante a atividade, Luna, disse: “*Como é o nome daquela menina que fica atrás do computador, lá na frente? Nunca fiz uma carta para ela*”. Respondi qual era o nome, então, seguiu o mesmo padrão de carta para a secretária. Resolveu entregar durante a sessão, pedi para que entregássemos ao término, mas ela insistiu e resolvi respeitar aquele movimento da criança, já que era o primeiro encontro e minha intenção ali era formar um vínculo. Cartas entregues, voltamos à sala, haviam vários livros infantis, ela não quis ler, mas pegou o livro *Menina Bonita do Laço de fita* e decalcou a capa, respeitando os mínimos detalhes dos desenhos. Resolveu sair mais uma vez da sala, agora, para beber água. Em certos momentos, senti-me incomodada por ela querer a toda hora mexer na cortina, no ar, querer sair da sala. Mas respirei e permiti que

ela seguisse seu próprio fluxo, pois, aquele momento era importante para acolhê-la e formar um vínculo.

Durante o diálogo que se estabelecia, a madrinha e sua irmã, Estrela, eram figuras sempre presentes, aproveitei e perguntei sobre o seu padrinho, ela disse: “*Raul! Meu pai não deixa ele passar lá na rua*”, encerrando o assunto. Por várias vezes, Luna, inicia uma conversa, mas logo se cala, disfarça ou muda o conteúdo, por exemplo: “*A tia da escola...*” silencia ou emenda outro assunto, depois retoma: “*A tia não deixa ir ao banheiro... ir beber água.*”

Chegou a perguntar das meninas que fizeram o atendimento inicial, disse que pensou que seria atendida por elas. Perguntei se ela gostava das meninas, respondeu que sim e disse: “*porque eu evolui, eu mudei*”. Confesso que fiquei surpresa com esta resposta.

Contou-me que o pai é pedreiro, mas a casa deles é diferente das dos outros. Perguntei: diferente como? Respondeu apenas que são pobres e calou-se. Quando estávamos no tatame, mexeu na sandália, perguntei se queria tirar. Ela: “*não, para quando eu for embora*”. Aí, do “nada”, falou: “*minha mãe não me bate não! Agora é dinda que manda tudo em mim.*”

Ainda no tatame, a criança não me olhava diretamente, mas mexia em um jogo e outro, em um livro e outro e, neste movimento, deu voz a um discurso não muito linear. Primeiramente perguntou se eu poderia levar chicletes para ela. Expliquei que poderia levar, mas antes teria que saber se D. Ana permitiria, a criança não criou resistências com relação a isto. Posteriormente, contou-me que seu pai bebe todos os dias e que são pobres, porque nunca têm dinheiro para nada. Acrescentou ainda que há uma prima morando com elas, pois, esta brigou com alguém no bairro onde mora e está proibida de voltar para lá. Perguntou se a briga havia sido com algum parente, ao que Luna respondeu: “*não é parente, não é nada*”. Neste momento, notei que brotou em mim uma curiosidade exacerbada, em querer saber: Pobres como? O que ele bebe? Dentre outras indagações que permearam a minha mente, no entanto, dei-me conta que aquele não era o momento para fazer tantas indagações, foi aí que a criança seguiu o ritmo, falando sobre o que lhe via a mente, falou-me de chicletes, brigas e pobreza, tema que parecem destoantes, mas que permeia o universo desta criança, por isso discorro aqui sobre eles, pois, este discurso não muito linear reflete o nosso movimento no setting. Quando se aproximava o fim da sessão, informei-a, ao que ela saiu e foi ao encontro da madrinha, com a qual agendei o próximo encontro para o mesmo dia da semana e o mesmo horário.

No segundo encontro, quando Luna entrou na sala, logo percebeu que o armário da sala tinha chave e foi abrir (reparou porque o armário da sala que ficamos na sessão anterior não possuía chave, o que a impossibilitou de abri-lo para ver o que havia dentro). Como sempre, explorou todos os brinquedos, não ficando presa a um único, mas explorando todos os que podia. Luna pediu que colocássemos o tatame (o que ela chamou de tapete). Comecei perguntando como ela havia passado, como elas chegaram até o serviço. Ela me respondeu que foram a pé. Perguntei se a casa dela era longe, ela disse que sim, acrescentando que cansava as pernas. Levei uma maçã, a qual ela comeu toda e, ao terminar, perguntou se havia outra, não havia outra, mas havia jujuba, a criança ficou sorridente ao receber este doce e disse que levaria um pouco para sua irmã. Ao mencionar a irmã, perguntei se Estrela divide as coisas com ela, ela disse que sim, só não sorvete e picolé. Perguntei se a mãe divide as coisas de forma igual, entre ambas: ela gesticulou com a cabeça de forma negativa, inclusive, mudou o semblante, ficando com a fisionomia mais séria, respeitei seu silêncio e não perguntei mais nada. Ao término, deste encontro, ela mesma desligou o ar, ajudou-me a guardar os brinquedos, queria continuar brincando, mas expliquei que na próxima semana continuaríamos, ela concordou.

Certo momento, iniciou a seguinte fala: *“aquele dia de noite fez medo”*. Quis saber que dia foi este e qual o motivo do medo. Ela continuou: *“que apareceu o monstro NEGRO [bem enfática], negro, preto que queria machucar Estrela”*. Fiquei escutando, querendo saber mais da história. Ela seguiu narrando da seguinte forma: primeiro disse que estava sozinha na casa, depois falou que haviam outras pessoas. Disse que só ela tinha visto o mostro, o qual colocou para fora, *“coloquei para correr, chutei, expulsei”*. Ao mesmo tempo que só ela havia visto e expulsado este monstro, relatou que a mãe a ajudou a expulsá-lo. Neste mesmo relato mencionou o surgimento de uma bruxa má, que também expulsou o mostro. Frente a esta história narrada por Luna, perguntei se ela não gostaria de me contar como tudo ocorreu a partir dos fantoches, a criança concordou. Pegou uma boneca, disse que era ela dormindo. Começou a narrar: *“apareceu um mostro enorme”*. Procurou dentre os fantoches o de cor preta: *“Este aqui! Assim negro, aí veio para cima, fiquei com muito medo”*. Após narrar este fato emendou outra história, tentei não ser invasiva e apenas acompanhá-la no seu ritmo, pois, ficou perceptível que as conversas referentes às questões familiares surgem, apenas, quando ela está ou brincando com fantoches, ou mexendo em algum jogo e, quando há uma intenção da minha parte em aprofundar mais o assunto ela não se mostra disposta, torna-se dispersa ou inicia um assunto diferente.

Esta sessão que descreveremos agora, também não foi estruturada, optamos por deixar fluir. A criança chegou disposta, como da primeira vez, explorou o ambiente, abriu o armário e selecionou alguns jogos. Manteve-se no mesmo movimento inicial, o de não se deter por muito tempo em um brinquedo ou atividade específica. Em boa parte de suas conversas traz sempre a figura de sua irmã, na maioria das vezes de forma positiva. A madrinha também é figura presente em suas falas, só não comenta muito sobre a mãe adotiva, muito menos sobre a mãe biológica. Ela interage bem, aceita alguns acordos, por exemplo, além dos materiais disponíveis no serviço, também levo cadernos, livrinhos e canetas para colorir, dentre outros e, em alguns momentos ela perguntava se poderia levar para casa alguns desses materiais, então, eu conversava com Luna, explicava os que ela poderia ou não levar. Boa parte dos desenhos que eu levava para ela colorir ela levava para a casa. Neste aspecto, era curioso porque os desenhos que eram levados, Luna costumava enrolar em forma de canudo e passar bastante fita adesiva. Neste dia, a criança estava mais agitada, porém, interagiu bastante. Brincamos de vôlei, com a bola de tecido, fantoches e lemos alguns livros.

Já em outro atendimento, a criança chegou bem ativa. De início, propus que fizéssemos duas atividades, a saber, um desenho sobre algo que ela gosta, que poderia ser a escola em que estuda, a sua casa, sua família, ou o que ela quisesse. Também tínhamos a opção do quebra-cabeça, ela chegou a montar o quebra-cabeça do *Gato de Botas*, em parceria comigo, mas montou boa parte sozinha, encaixando as peças corretamente, mostrando atenção e planejamento. Na sequência, dei uma cartolina, ela disse que escreveria uma carta para mim. Perguntei se ela não gostaria de desenhar, desenhou sem muito entusiasmo, fez uma casa com grama ao lado, apenas. Disse que não queria desenhar mais nada.

Em um determinado encontro, quando chegou, pediu para me abraçar, porque era o dia do amigo. Perguntei como havia sido o dia na escola, Luna falou que comemoraram esta data e que havia escolhido Clara como sua melhor amiga, a qual também a escolheu. Perguntou quando eu iria à casa dela para conhecer sua irmã. Sugeri que o melhor dia seria sexta-feira. Fiquei de conversar com a mãe dela e combinar um dia para esta visita. Fomos brincar com fantoches, Luna, ficou no teatrinho, manipulando os bonecos e eu na plateia. Em sua apresentação, algumas das falas de Luna chamaram minha atenção, são elas: “*Você vai ser jogada no lixo*”(…) “*Vou pegar suas malas*”(…) “*Quero fugir daqui*”(…) “*Bruxa má*”(…) “*Vá varrer a casa se não vou te dar uma tapa*”.

Em boa parte das sessões, eu costumava levar doces, pipoca, uma maçã, sendo válido ressaltar que antes de levar qualquer alimento perguntava à mãe se eu poderia ou não fazer isso. Para este dia, levei pipoca para comermos durante a sessão, restaram algumas e ela disse para eu levar para minha mãe: *“Diga que foi Luna quem mandou”*. Dando continuidade ao atendimento, perguntei sobre o que ela havia feito com uns papeis de ofício que ela levou para casa. Respondeu que iria recortar, mas a mãe não deixou. Aproveitei que Luna sempre fala sobre sua irmã, Estrela, então, perguntei se ela gostaria de trazer a irmã para a sessão. Ela respondeu: *“Deus é mais!”*. Perguntei o porquê, Luna falou: *“Estrela é muito pequena, não tem idade não, só pode criança a partir de 7 anos”*.

Em torno do sétimo encontro, quando chegou, quis mexer nos objetos da sala, em minha bolsa, no controle remoto, na luz. Aproveitei e falei que iríamos combinar que o ar, a bolsa, só eu mexeria, mas que ela tinha outras opções, a saber, brinquedos, livros, fantoches, papeis e canetas para desenhar, ela ouviu atentamente e não criou muitas resistências. Ainda neste encontro, deixei uns chocolates na mesa, ao vê-los, perguntou com um sorriso se eram dela. Ao dizer que sim, mostrou-se feliz. Eu quis retomar o desenho que havíamos iniciado em outra sessão, ela não se motivou. Enquanto estava no tatame, entre um brinquedo e outro, deixei-a e peguei a cartolina e comecei a desenhar uma flor. Luna aproximou-se, olhou e perguntou: *“o que você está desenhando, Estrela?”* Confesso que fiquei sem ação ao ser chamada pelo nome de sua irmã, acabei respondendo com uma fala infantilizada que estava desenhando uma flor. Ela ouviu e voltou ao que estava fazendo anteriormente. Como era a semana do folclore, a escola estava comemorando este festejo, contou-me que comeu acarajé, falou sobre a Iara, sobre o Saci, mostrando-se contente. Ao término da sessão, como de costume, quando se aproxima o horário, sinalizo à criança e ela começa a me ajudar a guardar os brinquedos no armário.

Já por volta do oitavo encontro, Luna, quis levar um dos desenhos que fez. Este não deixei que levasse porque percebi que ela estava sempre dando as regras: *“vou levar!”* *“Traga para mim chicletes!”* E, às vezes combinávamos algo para ela fazer, como por exemplo, ela pedia para levar um desenho, eu aceitava, mas na condição de que ela o trouxesse na outra sessão e ela não fazia o combinado. Sendo assim, até para observar como a criança reagiria à uma regra, uma vez que a mãe já havia mencionado que ela estava desobediente, sendo agressiva e fazendo birras, optei por fazer um acordo com Luna. Disse que ela poderia levar umas folhas, ou um dos livros para pintar, mas aquele outro material eu gostaria que ficasse. Ouviu o que eu falei,

com um semblante um pouco sério, porém, logo voltou a se descontraír, pegou as folhas e fez o que chamou de cartinhas, para alguns familiares: mãe, pai, dinda e depois colocou em uma das cartinhas: “*Até João também amo*”, referindo-se a um primo. Entregou, na saída, a carta à mãe, a qual agradeceu, mas recebeu de forma tímida, levando as demais cartas consigo. Não vi o que estava escrito em todas as cartinhas, pois, optei por deixá-la livre, não querendo ser invasiva ou muito curiosa, mas em todas que pude ver, ela dizia que amava, além disso, ao se encontrar com a mãe era notória a necessidade de mostrar o que havia feito e como fez.

Ainda nesta sessão, perguntou pelo meu celular, algo que já havia perguntado outras vezes e eu simplesmente respondia que o deixava em casa, então, desta vez perguntei porque ela queria saber, Luna disse que era para assistir a princesa Sofia, guardei esta informação e depois fui buscar materiais sobre o desenho animado. Perguntou novamente quando eu iria à casa dela, explicou que eu deveria pegar o ônibus e perguntar ao motorista: “*onde é a casa de Luna?*”. Disse que era para eu levar a minha mala. Perguntei se a casa tinha espaço para mim, já que era para levar a mala, ela respondeu que sim, que tinha espaço, colchão, que poderia ficar na sala.

Em uma determinada sessão, já por volta no nono encontro, escolhi a estória do *Pequeno Príncipe*, como Luna gosta de ler, pedi que fizesse a leitura, leu o início e depois disse que não leria mais porque aquilo não existia, colocou o livro na mesa e pegou o que parecia ser o seu livro preferido *A menina bonita do laço de fita*, neste, em um trecho da estória, onde havia a mãe com a menina no colo, Luna parou, ficou olhando à imagem por alguns segundos, parecendo estar mobilizada, logo em seguida, deixou a estória e foi procurar outra atividade.

Para esta sessão, que sintetizarei agora, levei labirintos, jogos que estão entre as atividades pedagógicas que podem estimular as capacidades de atenção e concentração nas crianças. Os labirintos tinham como tema a Princesa Sofia e, em um momento oportuno da sessão, perguntei se ela poderia me ajudar a encontrar o caminho de chegada. Ao ver o labirinto, observou com atenção e conseguiu encontrar o caminho de forma rápida. Ao se deparar com um labirinto mais difícil, ela quis desistir, dizendo que faria em casa, eu conversei, apontei as possibilidades, ela analisou e conseguiu terminá-lo. Fez com cautela, observando primeiro as possibilidades, para só então traçar o caminho definitivo.

Em certas atividades, senão em todas, mostrou-se perfeccionista e muito exigente. Em uma dada ocasião ela disse que era lerda. Perguntei se ela se achava lerda, ou alguém já havia dito

isso a ela, respondeu que era ela que se achava. Pontuei que não concordava, que percebia que ela era uma criança muito esperta.

A sessão que discorro neste parágrafo deu-se em um momento que a família de Luna passava por uma tragédia familiar, pois, o irmão adotivo da criança havia sido assaíssinado na porta de casa. Neste momento de luto, Luna apareceu em uma das sessões mais agitada, além deste estado, somou-se o fato de que a criança não havia comparecido há alguns encontros, juntou-se os intervalos dos atendimentos e os fatores estressantes que a família estava vivenciando. Usou palavras que nunca havia usado, como: poxa, merda. Neste dia revelou que o livro que dizia gostar *“A menina bonita do laço de fita”* eram as estagiárias anteriores que gostavam: *“elas liam para mim, mas eu ficava com a cara feia”*. Pensei que você gostasse, falei. Ao que ela respondeu: *“ela é feia, eu gosto da princesa Sofia”*. Neste mesmo dia ficou no computador e disse que faria um DVD, fez o DVD da seguinte forma: pegou folhas de ofício, recortou em círculos e colou-os, um sobre o outro. O curioso era que a criança pegava o DVD imaginário e inseria no espaço da CPU destinado para tal feito, eu ficava observando e pedia para ter cuidado com o computador, pois, o computador nem estava funcionando, mas ela dizia que estava usando *“de mentirinha”*. Antes deste, teve outro DVD, o qual ela pegou caneta riscou de forma brusca, embolou e jogou fora. Ainda na confecção do DVD, pediu para eu pintar, falando da seguinte maneira: *“Deixa de ser ruim, Silvia, pinta aí.”* Quando perguntei se o DVD era da Anita, pois, em outra sessão Luna havia dito que gostava das músicas desta cantora, ela retrucou: *“Anita? Eu disse? Não! tá mentindo, é? Vai ficar de castigo!”*. Depois, mostrou-se eufórica, dizia estar alegre, em um certo momento, pediu-me algo que não pude fazer, com isso, Luna falou: *“se não deixar, não brinco mais com você, não venho mais”*. Quis ainda brincar de escola, mostrando-se mais uma vez o autoritarismo: *“Vá sentar no seu lugar.”* (...) *“Só faça quando eu mandar”*. Voltou a me pedir doces. Aproveitei e perguntei: *“Você gosta de doces? Além de mim, você costuma pedir doces a mais alguém? Respondeu que gosta e que sempre pede ao pai. Sobre a mãe, relatou que a mãe só dá as coisas quando quer, falou com um tom mais sisudo. Ao mencionar o pai, contou-me que ele estava triste, pois, o irmão dela virou anjo. Perguntei como ela soube desse acontecimento, ela falou que: “foi minha irmãzinha quem contou”*. Perguntei como ela estava, respondeu-me que estava bem, chorou, ficou triste com a morte do irmão, mas já estava bem. Nesta sessão, não quis pintar, nem desenhar, mas deteve-se no computador e na brincadeira de professora. Pediu para levar as massinhas de modelar para casa, permiti, mas disse que avisaria à mãe. Luna pegou as massinhas, enrolou-as em um papel, dizendo que era para a mãe não ver. Expliquei que não precisava esconder, pois, eu diria

à D. Ana que havia deixado que ela levasse as massinhas. Na saída, foi mostrando para a mãe o que eu havia dado para ela levar. Ao falar com a mãe, Luna, parecia temer, deixando transparecer uma necessidade de mostrar para a mãe o que havia feito na sessão.

Segue, agora, o último encontro com a criança, o qual ocorreu no mês de dezembro. No corredor, em direção à sala, perguntou-me timidamente se eu havia levado doces para ela. Ao perceber certa ansiedade, pedi que sentasse, respirasse um pouco e se acalmasse, falei de uma forma tranquila, a criança sorriu, suponho que ela achou minha atitude engraçada e, quando ficou mais calma dei para ela os doces. Além dos doces, levei material para confeccionarmos colar ou pulseiras de miçangas. A ideia surgiu, porque em sessão anterior, eu estava com uma pulseira e a criança pediu para mim, dizendo que queria ter uma pulseira para ir para a escola. Respondi que aquela me pertencia, que eu não poderia dar, mas que poderíamos produzir algumas nas sessões e as que ela me ajudasse a fazer, estas ela poderia ficar, não se motivou muito com a ideia, mesmo assim, levei os materiais para trabalhar nesta sessão que apresento agora. Levei miçangas rosas, azuis e na cor lilás, estavam em um frasco, o qual ela sacudiu para ouvir o barulho que fazia, depois misturou todas as miçangas num mesmo frasco. Iniciou o que parecia ser um colar, falou que faria colorido, depois desfez e resolveu fazer só de uma cor. No final, construímos uma pulseira lilás, a que deixei que ela levasse, já que havia ajudado na confecção. Neste mesmo dia, levei a estória de *Cachinhos dourados e os três ursinos*, li a estorinha, mas quando chegou no momento de conversarmos sobre o que a estória tratava, que era o fato de que sempre quando queremos algo que não é nosso, só podemos pegar com a autorização do dono, nesta parte, a criança disse que queria ouvir outra estória. Em certo momento, perguntou-me se a mãe ouvia o que conversávamos na sala, respondi que não dava para ouvir porque a mãe fica na recepção, ao que ela comentou que as vezes tem a sensação que a mãe está chamando por ela. Assim, deu-se o fim do nosso encontro, não foi possível fazer um encerramento com a criança uma vez que este encerramento não foi programado previamente, mas em virtude do campo e de uma série de fatores que fazem parte da vida de Luna, encerramos nossa caminhada no setting terapêutico.

### **Encontros com a mãe**

Antes de iniciarmos as sessões com Luna, foi agendado um momento apenas com a responsável da criança, sua mãe D. Ana. De início, fiz um acolhimento, apresentando-me como a estagiária do serviço e explicando como seria o estágio, para depois entrar no caso e saber sobre a queixa

que chegou até nós, se permanecia, se havia mudado. Dona Ana trouxe em seu discurso que Luna, que antes era uma criança tímida, obediente, tornou-se agressiva, atribuindo esta agressividade à reaproximação da genitora de Luna, Dona Esmeralda, que nos últimos tempos passou a visitá-las com frequência, embora, segundo D. Ana, não demonstra interesse em obter a guarda de Luna e de sua irmã Estrela.

No decorrer do processo, foi agendada outra entrevista, com o objetivo de esclarecer algumas questões que não ficaram claras. D. Ana tornou a relatar a reaproximação de D. Esmeralda informando que quando a mãe biológica visitava as meninas, Luna, que é a mais velha, ficava alegre, chamando-a, inclusive, de mãe, mas hoje não esboça nenhum afeto, passando a chamar sua genitora pelo nome. Ainda sobre D. Esmeralda, D. Ana relata que esta não faz mais uso de álcool, há aproximadamente 10 meses, tornou-se evangélica e está sendo acompanhada pelo Centro de Atenção Psicossocial- CAPS, da cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba. Sempre que visita as filhas, Dona Esmeralda leva consigo a sua caçula, uma criança de 1 ano e 7 meses, a qual vive sob seus cuidados. Com esta reaproximação da mãe, D. Ana relata que não sabe muito bem como agir, contando que chegou a perguntar para Luna se ela gostaria de morar com sua mãe biológica. Luna respondeu que não.

Como este momento era para aprofundar alguns dados, toquei no suposto abuso sexual que Luna teria sofrido. D. Ana relata que este fato surgiu em uma audiência, na qual D. Esmeralda pediu para ficar a sós com a juíza. A família até o momento não sabia deste fato. Só, a partir desta audiência, a mãe biológica relatou que em um determinado dia brigou com seu cônjuge, na época padrasto de Luna e que acabou registrando a criança. Ao brigar com este, D. Esmeralda foi dormir em outro quarto, deixando Luna, que nesta época tinha 2 anos e meio no mesmo quarto com seu padrasto. Quando voltou ao cômodo, viu o homem “Alterado”, palavras de D. Ana, com as mãos nas partes íntimas de Luna. O abuso não foi comprovado, visto que não fizeram exame para confirmar, no entanto, notaram que Luna passou a ficar agressiva com seu padrasto, chutando e não querendo vê-lo por perto. Ainda sobre este senhor, contou-me que a família chegou a dar queixa dele na delegacia, pois, o mesmo ameaçava sequestrar Luna. Segundo D. Ana, *“ele parece ter fixação pela menina”*.

Continuando a entrevista, perguntei o que Luna gostava de brincar. D. Ana respondeu: *“ela gosta de boneca, panelinha, gosta de ajudar a arrumar a casa.”*. Enfatizando que arrumar a

casa é o que Luna “*mais adora*”, acrescentando ainda que quando ela – D. Ana, varre a casa e a criança chega do reforço escolar, pergunta: “*mainha, a senhora varreu a casa? Não era ‘pra’ eu varrer?*” Então, quis saber se Luna ajudava nos afazeres domésticos, D. Ana confirmou e revelou que com suas filhas biológicas, desde os 7 anos de idade já as colocava para varrer a casa, fazer a cama. Disse que fala para Luna: “*se chega alguém na sua casa, e o seu quarto estiver bagunçado? Tem que arrumar*”.

Quis saber sobre os programas televisivos que Luna assiste, a mãe disse que ela assiste Chaves, a Pequena Sereia, Bob esponja e Carinha de Anjo. “*Novelas, só carinha de anjo, as outras não*”. O que divergiu do relato da criança, a qual disse assistir *Nos Limites da Paixão e a Vida me Roubou*.

Com relação à escola, D. Ana informa que as notas estão excelentes e a criança sabe ler muito bem, melhorou o comportamento agressivo, todavia, às vezes leva objetos que não são dela para casa.

Por volta da décima quarta sessão, uma das últimas devolutivas com a mãe, houve uma situação mobilizadora. A mãe relatou que um dos filhos havia sido assassinado, na semana anterior, com 22 anos. Neste momento, em que chorou, falou do filho, lembrou outros acontecimentos que mobilizaram família, ainda que tentasse se mostrar forte, alegando que a vida continuava, minha primeira ação foi acolhê-la e ouvi-la.

Perguntei se poderíamos falar sobre Luna ou se ela gostaria de deixar a conversa para outro dia, disse que estava bem e que poderíamos continuar. Iniciei falando dos aspectos positivos de Luna, inclusive, perguntei quais aspectos predominavam na criança, os positivos ou negativos, ao que ela respondeu que eram os positivos. Pedi ainda que elencasse estes aspectos, ao pontuá-los, refletimos sobre eles e mencionei que é importante reforçar estes aspectos. Além de ser pertinente esclarecer que, embora a mãe biológica se aproxime, é com eles que ela ficará, para que Luna tenha segurança a respeito do seu lar.

Falei que às vezes ela se cobra, preocupa-se muito em agradar. Perguntei se existem muitas cobranças; ela disse que não, que cobra dentro do limite, mas que é da família, porque tem uma filha que é assim, perfeccionista. Ressaltei se ela mesma pontuou que Luna apresenta mais aspectos positivos, então, é preciso que estes aspectos sejam valorizados. Então, nesta

devolutiva, além do que já foi pontuado, falei como ela tem se mostrado nas sessões, o que tem sido feito: atividades com fantoches, dramatizações e como a criança tem se revelado atenta, colaborativa, inclusive, a mãe pontuou que ela melhorou na banca, pois, antes demorava muito tempo para terminar uma tarefa, mas agora termina com maior rapidez.

#### **4.4 COMPREENSÃO TEÓRICA DO CASO**

Acompanhar crianças e adolescentes requer uma abertura às diversas possibilidades e necessidades de atuação, ou seja, exige uma *awareness*. Partindo desta perspectiva, cabe ao psicólogo que trabalha com este público observar todo o sistema em que essas pessoas estão inseridas, caso contrário, tenderemos a olhar para a parte como a falsa ideia de perceber o todo. Além disso, trabalhar com o sistema que envolve estes jovens torna-se necessário visto que eles podem não perceber todos os elementos para tomar as decisões sozinhos, além de não terem autonomia legal” (PHILIPPI, 2010).

Foi neste caminho que trilhamos para tecer nosso trabalho, observar o todo que permeava o mundo de Luna. Esta mostrou-se uma criança muito cautelosa no falar, muitas vezes, pensando, antes, naquilo que iria dizer. Muito curiosa, observa e explora todo o ambiente com o olhar, com gestos, com perguntas. Sua voz é condizente com a postura corporal, às vezes usa um tom autoritário, falando sempre no imperativo: “faça”, “pegue”, no entanto, quando se trata de um assunto referente à família, ela desvia o olhar e muitas vezes pausa a fala, disfarça, muda a conversa. Nos momentos em que Luna calava ou mudava o destino da conversa, tornava-se claro que nas sessões com as crianças, não é precípua observar se ela vai falar, se manifestar através de sinais ou de murmúrio, silenciar, simplesmente brincar ou ignorar o terapeuta, posto que qualquer forma de expressão denota a totalidade desta criança no momento (AGUIAR, 2015).

Neste caminho trilhado por terapeuta e cliente, é pertinente trazer as considerações de Andrade (2015), a qual nos revela a relevância desta dupla no processo psicoterapêutico, pontuando que é essencial que o cliente se perceba como a peça principal, pois, o terapeuta não deve fazer pelo cliente, cabe a ele apenas facilitar o processo, evidenciando elementos que pareciam não existir ou até mesmo ajudando na aquisição do que ainda não existe.

Em certo momento, “regrediu” o comportamento, querendo colo e pedindo para ser ninada como um bebê, fato que ocorreu na mesma semana em que recebeu a visita de sua mãe

biológica, na presença de outra filha, a caçula, a que D. Esmeralda cuida, dando colo e dispensando cuidados.

O comportamento apresentado por Luna nos faz pensar sobre o seu campo, pois, muitas vezes, a criança reflete no setting terapêutico elementos que vivencia nele. É válido ressaltar que este campo é composto pelo terapeuta e por todos os ambientes relacionais que o cliente está inserido (escola, vizinhos, parentes, familiares etc.) (LIZIAS, 2010).

Como já sabemos, a noção de campo é essencial na Gestalt-terapia, neste aspecto, condições significativas atuais presentes no campo da criança foram notadas: houve a reaproximação da mãe biológica, com isso, a família notou um comportamento mais agressivo da criança para com alguns colegas e para com a irmã. Sobre esta agressividade de Luna, recorremos a WINNICOTT, 1965[1950]/2001 apud ROSA, 2014 p.117, que traz a seguinte consideração:

As manifestações da agressividade sugerem que a criança ainda não abandonara a segurança de reaver a boa mãe e o ambiente inicial que havia perdido. Logo após ser removida ao novo lar, a criança reage bem e todos tendem a pensar que os problemas têm aí seu fim. Mas, à medida que a criança adquire confiança, vai adquirindo também maior capacidade de sentir-se furiosa com o colapso ambiental já ocorrido. Os pais adotivos perceberão que, de tempos em tempos, eles mesmos tornam-se alvo do ódio da criança. Terão que suportar o ódio que começa a ser sentido, e que seria normalmente direcionado contra o primeiro lar da criança. É muito importante que os pais adotivos entendam isso para não desanimarem.

Em sua história, vale lembrar que a criança presenciou inúmeras cenas de violência, sendo afastada do convívio familiar e levada para abrigos em virtude de negligências, tais como: era deixada sozinha na casa, sendo encontrada algumas vezes por vizinhos, aos prantos). Posteriormente, foi adotada e encontra-se no lar adotivo até o momento em que o presente estudo foi realizado. É importante ressaltar que não havia a intenção de adotar a criança, a principal motivação para tal, foi o altruísmo, a vontade de ajudar um membro da família. Esse desejo por si só não se constitui como bom prognóstico para a adoção, uma vez que o desejo dos pais de exercer o parentesco deve estar claro para ambos (LEVINZAR, 2014 apud, (OTUKA, COMIN E SANTOS, 2012). Mesmo sem ser algo idealizado, D. Ana conta que ao tomar esta decisão todos os familiares concordaram e as crianças foram bem recebidas. A única angústia relatada pela mãe adotiva é no tocante à agressividade da criança, sendo que a mãe adotiva crê piamente que isso tem a ver com a reaproximação de D. Esmeralda, chegando a

cogitar pedi que a genitora não realize mais visitas às filhas, no entanto, alega que teme que no futuro Luna possa ter raiva dela, caso ela tome de fato esta decisão de afastá-las.

Ainda no que concerne à agressividade, sobretudo em crianças adotadas, Rosa (2014) traz considerações que nos ajudam a compreender Luna:

As manifestações de agressividade da criança não são contra a mãe, mas uma expressão do retorno da esperança na menina de reaver o bom ambiente perdido. A criança busca, ainda de forma inconsciente, corrigir falhas ambientais primárias (essencialmente as falhas da mãe biológica) e também os prejuízos gerados pelo ambiente confuso e inadequado do abrigo. Os ataques da criança significam que ela, em alguma medida, começa a confiar na mãe, no pai e no novo lar. Estas considerações de Rosa nos ajudam a compreender o de Luna. (WINNICOTT, 1965 apud ROSA, 2014, p. 119).

A agressividade de Luna é um assunto recorrente, em outro momento com D. Ana, esta relatou que a menina está agressiva com a irmã mais nova, Estrela, dá murro, bate. Perguntei como eles agem nesta situação: Ela afirmou que eles põem de castigo, o pai conversa para ela não bater na irmã, tenta explicar que aquilo não é certo. Agora, ela não tem obedecido mais a ninguém. Sai, bate a porta do quarto, joga o forro da cama para cima, desarruma tudo. D. Ana disse que explanou este fato para a mãe biológica e obteve como resposta que ela também sente a mesma vontade. Ao relatar isto, D. Ana disse: “*será que é genético?*”

Ainda sobre o jeito Luna de ser, D. Ana mencionou que a menina parece ter “*memória fraca*”- “*parece esquecer das coisas*”. Explicando que quando perguntam algo, a criança responde, passado algum tempo, ao fazerem a mesma pergunta, Luna não recorda mais. Ainda segundo D. Ana, Luna fantasia muito, “*mistura fatos do passado com o presente*”. Disse que às vezes acredita que a criança inventa situações que não ocorreram. Além disso, há uma constante comparação entre Luna e Estrela, onde D. Ana sempre enaltece os atos da caçula, em detrimento dos de Luna.

Sobre o parágrafo acima, podemos inferir que o problema em si não existe, o que existe é uma interação organismo-meio que não conduz à satisfação organísmica e que intitulamos de problema. Nessa lógica, é necessário inteirar-se do ambiente circundante que representa a vida da criança, família, escola, amigos, tudo e todos que estão presentes na vida da criança, inclusive pessoas importantes que já faleceram (IGNÁCIO JR. ,1991 apud ZANELLA, 2010). Nossa concepção a respeito da vida da criança e a respeito da sua família é construída como

uma colcha de retalhos, ajudando-a a construir seu autossuporte. Essa colcha de retalhos vai se reconfigurando à medida que atendemos a criança e fazemos orientações e intervenções junto à família (ZANELLA, 2010). Foi o que tentamos fazer durante os atendimentos, principalmente nas conversas com a responsável, momentos em que ressaltávamos os pontos positivos da criança de uma forma que fosse possível esclarecer que cada criança tem um potencial a ser desenvolvido e que é preciso apoiar e respeitar seu ritmo.

Luna, dificilmente fala de amigos, apenas uma vez, mencionou uma amiga, a Sara. Em certas ocasiões, mostra-se curiosa, quer experimentar o ar condicionado, as persianas, as luzes, os brinquedos em geral; mostra-se feliz ao realizar atividades que pode extravasar mais sua energia, como bambolê, a bola de pano e através de representações. Nestas, assume sempre o papel de uma professora autoritária e exigente. No que concerne ao uso das representações:

É comum que as crianças utilizem a representação em suas brincadeiras. Quando as crianças representam, elas se aproximam de si mesmas, usando suas experiências nas improvisações. Ao representar, representamos nossas próprias vidas e a nós mesmos. Parte de sonhos são encenados, cenários são criados e reescritos à medida que avançamos. Damos voz à dor que sentimos no peito, a qual nos tornamos. Estes papéis que descobrimos no ato de representar, nos tornam mais conscientes de nós mesmos, mais envolvidos, mais reais. Assim, podemos permitir que as nossas partes reprimidas emergam (OAKLANDER, 1980).

As representações foram de extrema importância para os atendimentos, pois Luna trazia à cena questões, diálogos que só vinham à tona nestes momentos. Em uma das atividades em que foi a professora, disse as seguintes frases: *“criança não sabe o que faz, não faz o que o adulto quer”*; *“não é o aluno que diz o que fazer, mas o professor, o professor quem sabe”*. Ainda brincando de escolinha, ela sendo a professora e eu a aluna, falei que desenharia uma casa, ela veio e começou a desenhar e dizer para eu pintar, mas só quando ela mandasse, mais uma vez, exercendo um autoritarismo.

Em alguns encontros, Luna, relata que sua madrinha diz que ela tem feito coisas erradas, mas ela não diz que coisas são estas, só reforça e confirma que tem feito e que por isso está de castigo. Em uma de suas falas disse que só os adultos sabem o que é certo e que criança não sabe fazer o que o adulto quer. Em certa atividade, a criança demorou um pouco e ela mesma falou: *“eu sou lerda”*. Essa e outras frases trazidas pela criança, nos levam a pensar nas introjeções, um processo primário no qual a criança internaliza crenças e valores transmitidos

no seio familiar e por outros meios nos quais ela convive, a criança não gosta de algumas partes suas, então, o trabalho de autossuporte baseia-se, de início, em ajudar a criança a identificar e aceitar estas partes indesejáveis. “O terapeuta procura ‘limpar’ as introjeções carregadas de mensagens negativas que criam um autocenceito depreciativo e inibem aspectos genuínos de si mesma, fragmentando sua personalidade” (ANTONY, 2010, p. 93).

Questionei se ela se considerava lerda ou se ela já tinha ouvido alguém a chamar deste jeito, ao que ela respondeu que ninguém a chamou, ela que se considerada. Estas falas de Luna nos remetem ao que Joyce e Sills (2016), chamam de introjetos, que são o processo de introjeção que leva à manutenção de crenças que não são aceitas por escolha. Quando surgiam estas falas, buscávamos encorajar a criança a se perceber de outra forma, diferente daquela que muitas vezes era depreciativa.

Luna é uma criança que normalmente concentra sua energia no mundo externo, brincando com fantoches, de escolinha, momentos em que ela deixa emergir assuntos que parecem ser mobilizadores. Algumas das vezes em que foi solicitada a desenhar sua casa, sua família, a criança não demonstrou empolgação, fazendo um desenho sem muitas cores, sem muitos detalhes. “Quando se solicita a uma criança que desenhe sua família, ela descreve a experiência que tem da sua dinâmica familiar por meio dos sentidos que dá aos traços em termos de dinâmica, cores, formas, entre outros aspectos” (LIZIAS, 2019, p 66).

Ela normalmente interrompe o contato quando o assunto é a família, às vezes ela quer falar sobre algum castigo, sobre alguma punição que sofreu, mas acaba reprimindo. Quando tem que cumprir algumas regras, na maioria das vezes ela tenta me convencer a aceitar aquilo que ela quer, mas na maioria das vezes aceita o que acordamos e não demonstra muita irritação, de início fica um pouco mais séria, mas depois volta ao normal, ou seja, volta a interagir como se nada tivesse ocorrido. Ao que parece, no ambiente familiar e escolar ela é deflexiva, defendendo-se através de agressões e birras. Sobre esta interrupção de contato, a deflexão, Joyce e Sills (2016) explicam que nada mais é do que o ato de ignorar ou se distanciar de um estímulo interno ou de um estímulo do meio externo, caracterizando-se, assim, por um bloqueio do próprio estímulo ou por se distanciar dele e sair pela tangente.

Em um dado atendimento, quando estávamos arrumando as coisas, ela disse que iria para outra psicóloga com a mãe biológica. Ao falar desta, disse que a mãe, D. Ana, se aborrece com esta

outra mãe, e acaba brigando com ela, Luna. Quando já estávamos para sair da sala, quis falar no meu ouvido um segredo, mas hesitou e disse que depois me contava. Na sessão seguinte, quando toquei neste assunto, ela reagiu da seguinte forma: “*oxe oxe, segredo*”? Dizendo-me que não tinha segredo nenhum. Não insisti nisso.

Aparentemente, sua posição na família é algo inacabado, a família terapêutica era algo que ela não se interessava, assim como a casa de boneca. Histórias infantis que trazem imagens familiares a mobilizam, no que às vezes ela silencia e até fica com o semblante triste. Muitas vezes, quando o assunto é a família, esquiva-se, cala-se, muda de conversa. Quando a criança silencia, este silêncio é o modo que ela encontrou para ser introduzida no mundo. Este silêncio, nas frases do autor, é uma “palavra” existencial que diz tanto quanto uma fala (LIZIAS, 2010). Neste aspecto, é importante respeitar a criança sem interferir em suas escolhas de vivenciar o setting do jeito dela.

Em alguns momentos, Luna, iniciou uma conversa, mas não deu continuidade: “*hoje vamos conversar sobre Mainha...ela fica perguntando o que você fala aqui*”. Indaguei: “*Ela pergunta? O que você responde?*” Não lembro ao certo o que ela respondeu, nem posso afirmar de fato se respondeu, mas recordo que na sequência ela falou: “*Agora eu obedeço todo mundo lá em casa*”. Perguntei: *isso tem sido bom?* Ela: “*Sim!*”

Certa vez, ao ler a história que ela recorria em quase todas as sessões: *Menina bonita do laço de fita*, em um trecho que a personagem estava no colo de sua mãe, Luna parou por alguns segundos e ficou olhando a imagem, como se o tempo estivesse parado ali, naquela imagem.

Ao longo dos atendimentos outro ponto importante foi observado, aquele que a Literatura traz como o sistema de apoio, neste quesito nós observamos como a criança explora o ambiente, se a criança se apresenta mais inquieta ou ainda, como ela se relaciona com seu ambiente social, se encontra suporte no meio dos familiares e amigos. Neste aspecto, ao que parece, Luna encontra um maior apoio na figura de sua madrinha, a qual ela fala com carinho. No entanto, houve um caso curioso, quando se aproximava o aniversário da criança, foi sugerido a esta que fizéssemos, na sessão, uma festinha de aniversário, mas ao tocar neste assunto a criança “se fechou”, mudou o semblante e disse que não iria querer festa, pois, ela não teria festa de aniversário na escola por estar de castigo, ainda falou bem séria que não era para eu tocar neste

a assunto com ninguém da sua família. Após isso, disse que só queria que eu levasse 5 chicletes e jujubas, sendo bem enfática: *“eu não pedi isso, só traga isso”*.

É comum, a criança desviar sua atenção das coisas do mundo, voltando-se mais para ela mesma e para sua própria dor, caso esteja vivenciando uma separação dolorosa ou a perda de um ser querido, envolvendo-se em um luto. Caso este luto não seja feito, manter-se á envolvida com isso, e outros setores de sua vida ficarão desprovidos de energia, isto levará a criança a um “desequilíbrio”, como apatia nas relações, falta de interesse para aprender ou tornar-se agressiva (AGUIAR, 2015).

Uma festa de aniversário que para outras crianças poderia ser um motivo de alegria, para Luna gerou apatia, isso ocorre muitas vezes porque a pessoa aprende a não questionar quem é, o que almeja e o que acredita. Muitas vezes, quando criança, escuta de seus pais, babás, professores etc.: *“é assim e pronto”* ou *“Criança não sabe o que diz”*. Com isso, cada vez mais, distancia-se dela mesma, do seu potencial e, em consequência, deixa de acreditar em si mesma. Este afastamento de si mesma e o caminhar em sentido diferente das suas verdadeiras necessidades dão-se pelo medo de ser rejeitado, que leva o indivíduo a uma atitude que o distancia de si próprio para ser amado, mesmo que condicionalmente (ANDRADE, 2015).

Quando Luna faz uso dos fantoches, traz diálogos que denotam brigas, autoritarismo e medo. É uma criança que expressa a necessidade de agradar alguns membros, preocupando-se com aprovação, a saber, em certa ocasião fez um desenho para a madrinha, mas achou que a mesma não gostaria, refazendo o desenho. Isto diz dos padrões relacionais do cliente, como ele se relaciona no setting, como ele relata suas relações com seus familiares. Em certos momentos representa uma personagem agressiva, autoritária e um pouco confusa, por exemplo, traz uma personagem que dá uma ordem, depois volta atrás, renegando o que foi dito na fala anterior, além de se mostrar em certos momentos mais agitada e usar alguns recursos de modo exagerado (usa muita cola, muita fita, adesiva, tudo em excesso). Quando a criança apresenta um comportamento complexo, este pode ser entendido como uma expressão daquilo que representa o todo que a criança é e revela aspectos saudáveis e não saudáveis da totalidade da dinâmica familiar. Por isso não devemos olhar a criança por um único prisma, pois, isto reduz o grande potencial que ela está designada a vir a ter (ANTONY, 2010).

E, algumas sessões, Luna, entra na fantasia: disse que era a professora Helena e começou a dar aulas, passou atividades, como se fosse de fato uma professora. Quando algo lhe é negado, mostra certa flexibilidade. Nota-se certa dificuldade de focar nas atividades, se são ofertados vários estímulos, tem dificuldades de escolher um único ou finalizar uma atividade, para só depois disso iniciar outra. Às vezes, mostra-se um pouco dispersa, o que nos faz pensar sobre a seguinte afirmação:

A criança é uma exploradora de contatos e não tem uma atenção desfocada como querem sugerir aqueles diagnósticos que rotulam a criança com déficit de atenção. São as pessoas e o ambiente em que vive que se tornam interessantes/desinteressantes de serem focados ou não para um contato- relação (LIZIAS, 2010, p. 72).

Percebendo Luna à luz do trecho supracitado, entendemos que ela consegue identificar aquilo que é mais interessante e mais saudável para ela no momento, quando é algo que ela não possui recursos para trabalhar ela muda o foco, dedicando-se aquilo que a motiva mais: representar a professora, brincar com fantoches, pedir um chiclete e uma jujubas, enfim.

No espaço psicoterapêutico, Luna, não se mostrava desatenta, pelo contrário, explorava bem o espaço, não estranhava ao mudar de sala, fazia perguntas sobre os objetos que não conhecia; perguntava-me se tenho pai, se tenho marido, filho etc. Era bem colaborativa, ao término da sessão ajudava a guardar os brinquedos. Buscava sempre contato, ficar próxima a mim, pegando na mão, pedindo abraço. Além disso, em certas sessões ela faz carta para familiares, demonstrava ser afetuosa, ainda que D. Ana relatasse que a criança raramente esboçava afeto. Luna é observadora e apresenta uma expressão corporal congruente com sua fala: quando fica mobilizada, seu corpo retrai, a fala muda. Quando representa a professora, ou o papel de uma mãe, o tom de voz aumenta, anda pela sala, usa toda uma expressão corporal.

Fica notório, em boa parte das sessões, que antes de falar algo, Luna, pondera e se esquivava um pouco, principalmente quando o assunto é a família. Mas, ao brincar com os fantoches ela consegue, ainda que vagamente, trazer a figura materna para a história, a figura de um avô e outros membros, no entanto, nunca traz uma história amorosa, tem sempre uma briga, um abandono, uma discussão envolvendo os familiares.

Ao conversar com os responsáveis, percebe-se que eles atribuem o comportamento de Luna às questões que ela vivenciou desde seu nascimento. Além disso, nota-se nas falas uma constante comparação entre as duas irmãs, o que introjeta, ainda mais, a crença de que Luna apresenta um comportamento não condizente com sua idade. Mas, ao serem questionadas sobre o que

seriam estes comportamentos incompatíveis com a idade não conseguem exemplificar de forma clara, só reforçam que é diferente. Levantou a hipótese de levar à criança à um neurologista, pelo fato da genitora de Luna ter feito uso de bebida alcoólica durante a gestação. Mostrou ter medo de a criança apresentar alguma sequela. Pontuei que era cedo para um possível diagnóstico, para um possível encaminhamento ao neurologista, D. Ana pareceu concordar. Apesar de toda essa preocupação e insegurança, a mãe adotiva trazia a criança sempre em boas condições físicas, com os cabelos penteados, vestida adequadamente, em dias frios aparece agasalhada, em dias quentes apresenta-se com roupas leves.

O fim do processo terapêutico de Luna não teve um fechamento, a mãe comunicou que não seria possível dar continuidade ao processo, por questões de horário e locomoção. No dia em que nos comunicou este fato, Luna não foi, mesmo assim, foi pedido à mãe que trouxesse a criança para encerramos a psicoterapia, agendamos o encontro, mas ela não compareceu nem justificou. Desde o início, primamos por acolhê-las e buscar sempre fortalecer o vínculo, uma vez que entendemos que quando não há afinidade entre o terapeuta e os pais da criança, estes podem ser propulsores de um entrave do processo ou até de término do atendimento. Frente a isto, concerne aos terapeutas de crianças, atuar com conhecimento, sabedoria e simplicidade, para obter implicação dos pais e desta forma prosseguir com o trabalho de orientação e conscientização do significado do distúrbio emocional e/ ou comportamental da criança no seio familiar (ANTONY, 2010).

Luna, por muitas vezes reprimia alguns sentimentos e evitava certos assuntos, talvez, esta tenha sido a forma encontrada por ela para lidar com as situações de abandono e violência, presentes em seu ambiente. Ao longo do processo, passou a se posicionar, expressando o que gostaria de fazer no setting/atendimento, o que gostava de comer e o que fazia para se distrair. No entanto, nas sessões, foi possível observar que ela possuía bastante energia e esta precisava ser canalizada, ser colocada em algo criativo e que fosse produtivo. Para tal, foi sugerido à mãe que levasse Luna para fazer aulas de teatro, que estavam ocorrendo no CRAS do São Benedito, para crianças da faixa etária de Luna. À princípio, a mãe mostrou interesse, mas depois relatou que não houve a disponibilidade para levar a criança. Fato que nos mobilizou, pois, percebemos um grande potencial em Luna, para as artes dramáticas/nessas atividades do CRAS uma oportunidade de Luna expandir suas fronteiras de contato e desenvolver outras habilidades.

No que diz respeito ao final do processo terapêutico, Antony (2010, p. 103) afirma que: “a criança é um ser em desenvolvimento e crescimento que continua a amadurecer, a transformar e expandir sua consciência; tal processo lhe impõe novos conflitos e impasses existenciais. A psicoterapia com criança não tem conclusão”.

Mediante tudo o que foi apresentado a respeito de Luna, ressaltamos que cabe ao terapeuta ajudar o cliente a descobrir quem ele é, o que deseja e como quer buscar tal objetivo, entretanto, é válido que, ao auxiliar o cliente em sua caminhada o terapeuta não seja mais uma pessoa que cobra, ordena e desconsidera o que ele almeja (ANDRADE, 2015). É tarefa do terapeuta insistir em que o cliente seja ele mesmo, para que ele possa vir a ser um parceiro ativo no trabalho psicoterapêutico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer “nos caminhos de Luna”, vislumbrei muitas paisagens, algumas ricas em detalhes, outras sem cor e sem brilho, mas repletas de significados. O que mais marcou esta caminhada foi poder perceber que aquela criança que de início havia sido descrita como apática e triste, no decorrer do processo assumiu uma postura totalmente diferente, mostrando-se expressiva, capaz de representar uma professora autoritária e exigente, mas, ao sair do papel desta professora Luna tornava-se colaborativa e, em certos momentos, buscando e oferecendo afeto.

Confesso que a caminhada não foi fácil, durante os atendimentos eu percebia o movimento da criança e ao mesmo tempo tomava consciência do meu. No primeiro atendimento, ao brincar, Luna espalhou vários brinquedos na sala e quis sair algumas vezes, confesso que estas saídas me incomodaram um pouco, mas compreendi que este incômodo deveria ser trabalhado em outro momento, entendendo que meu papel era acolher aquele fenômeno que se apresentava a mim, além do mais, era a primeira sessão, algo novo para ambas, era um momento que exigia de mim uma flexibilidade, entrega, presença e acolhimento.

Foi pensando nesta entrega, neste acolhimento que escolhi a Gestalt-terapia como abordagem para trabalhar na clínica com crianças, pois, a Gestalt traz uma visão holística de homem, em que devemos considerar este homem e o meio que o circunda, para tal, é preciso entrega, e ficar consciente no aqui e agora, suspendendo qualquer julgamento. O atendimento clínico nos possibilita isso, pois é um momento em que ao ficar frente a frente com o cliente, o percebemos como ser único, que por trás dessa unicidade carrega uma série de crenças e características que vão sendo construídas a partir de suas vivências no convívio familiar e social. Por isso, a grandiosidade em se trabalhar na clínica infantil é não se limitar ao setting terapêutico, mas entrar em contato não só com as crianças, mas muitas vezes com seus familiares, com seus professores e o mais que precisar.

Neste caminho trilhado por aproximadamente nove meses surgiram incertezas, dúvidas como: será que estou no caminho certo? Fiz o que de fato deveria ter feito? Muitas vezes, surgia a sensação de que foi feito menos do que deveria, mas ao término e (re) pensando sobre tudo o que foi vivido: a criança que chegou até mim, sua família e todo o campo que circunda a criança e a mim mesma, concluo que todo o processo se deu da forma que foi possível. Houve entrega,

houve escuta, houve a tentativa de acolher a criança da forma que ela se mostrava, na busca de fornecer um espaço no qual Luna pudesse ser Luna, com seus potenciais e com suas possíveis limitações.

Em conclusão, dúvidas e (in) certezas sempre existirão, mas é preciso caminhar na convicção de que isso faz parte desta relação terapeuta-cliente, na qual ambos se transformam, sendo impossível terminar essa caminhada da mesma forma que começamos, pois, entendemos que somos um eterno vir-a-ser, sempre em busca de melhor forma de nos relacionarmos com o meio.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2015.

ANDRADE, C. C. Autossuporte e heterossuporte. In: FRAZÃO, Lilian. Meyer; Fukumitsu, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia: A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia (Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)**. São Paulo: Summus, 2015.

ANTONY, S. **Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças**. In S. Antony (Org.), **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento** p.79-105. São Paulo: Summus, 2014.

BRITO, M. X.; ANTONY, S. **Abandono, abrigamento e adoção: o que os pais precisam saber sobre as crianças e a realidade dos abrigos**. In S. Antony (Org.), **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento** p.153-169. São Paulo: Summus, 2014.

FEIJOO, A. M. L. C. Aspectos Teórico-práticos na Ludoterapia **Revista Fenômeno Psi-IFEN**, ano 1, nº 0 p. 4-11. Recuperado em 04 de janeiro de 2018. Disponível em <http://www.ifen.com.br.com.br/site/revista%20IFEN%2012%20x%2018cm-3colu-3-v6%20LUDOTERAPIA%20PDR.pdf>.

LIZIAS, S. Epistemologia gestáltica e a prática clínica com crianças. In: ANTONY, Sheila (Org.). **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento** p. 47-77. São Paulo: Summus, 2010.

FERNANDES, M. Um caminho terapêutico na clínica gestáltica com crianças. In S. Antony (Org.). **Clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**.p.79-120. São Paulo: Summus, 2014.

GUIMARÃES, L.A. **Conversando co crianças sobre adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 163p

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt**: aconselhamento e psicoterapia. Petrópolis: Vozes. 2016.

OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA, E. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v.11, nº 20, 2014. Recuperado em 02 de fevereiro de 2018. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807 - 2526.

OTUKA, L.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 28, n. 1, 2012 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722012000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000100007&lng=en&nrm=iso)>. access on 08 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S010237722012000100007>

RIBEIRO, J. **Gestalt-terapia**: refazendo o Caminho. São Paulo: Summus, 1985.

RODRIGUES, H. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt- terapia. In L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.). **Gestalt-terapia**: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. p. 114-144. São Paulo: Summus, 2013.

ROSA, C. *Família e adoção: algumas reflexões com base em um caso de Winnicott*. **Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana**, v. 9, n. 2, 2014.

ZANELLA, R. **A criança que chega até nós**. In: S. Antony. (Org.). **Clínica gestáltica com crianças**: caminhos de crescimento.p.109-121. São Paulo: Summus, 2014.